



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO E DESIGN
CURSO DE DESIGN**

LETÍCIA DOS SANTOS CAVALCANTE

DESIGN FAZ GÊNERO?: REFLEXÕES NA CRIAÇÃO DE UM LIVRO-OBJETO

FORTALEZA

2022

LETÍCIA DOS SANTOS CAVALCANTE

DESIGN FAZ GÊNERO?: REFLEXÕES NA CRIAÇÃO DE UM LIVRO-OBJETO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Design do Departamento de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Design.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Cláudia Teixeira Marinho

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C364d Cavalcante, Leticia dos Santos.

Design faz gênero? : Reflexões na criação de um livro-objeto / Leticia dos Santos
Cavalcante. – 2022.
116 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro
de Tecnologia, Curso de Design, Fortaleza, 2022.

Orientação: Prof. Dr. Cláudia Teixeira Marinho.

1. linguagem visual. 2. gênero. 3. transgênero;. 4. design gráfico. 5. livro-objeto. I. Título.

CDD 658.575

LETÍCIA DOS SANTOS CAVALCANTE

DESIGN FAZ GÊNERO?: REFLEXÕES NA CRIAÇÃO DE UM LIVRO-OBJETO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Design da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Design.

Orientadora: Prof^a .Dr^a. Cláudia Teixeira Marinho

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a.Cláudia Teixeira Marinho (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dr^a. Camila Bezerra Fustado
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Lucas Vieira de Oliveira
Secretaria Municipal de Educação de Piquet Carneiro

RESUMO

Esse trabalho tem por objetivo refletir o papel do design na construção das noções de gênero, através da criação de um livro-objeto, cuja linguagem visual se desprenda progressivamente das noções de gênero pré-concebidas e cuja narrativa convida a reflexão. Para tal foi feito um embasamento bibliográfico em torno das noções de função social e da Teoria Queer, assim como pesquisas sobre a relação entre gênero e Design e os problemas enfrentados por pessoas transgênero. A metodologia base utilizada no projeto foi a do Double Diamond, dividida em quatro fases: descoberta, definição, desenvolvimento e entrega. Teve como ponto de partida as pesquisas preliminares e entrevistas realizadas com pessoas transgênero. A partir da análise das entrevistas houve um maior entendimento sobre as problemáticas e o livro-objeto começou a ser concebido. Tanto o assunto a ser abordado na narrativa quanto a linguagem visual adotada partiram de uma comparação, entre o que foi observado nas entrevistas e o papel do design nessa observação.

Palavras-chave: linguagem visual, gênero; transgênero; design gráfico; livro-objeto.

ABSTRACT

This work aims to reflect on the role of design at the construction of gender notions, through the creation of an object-book, whose visual language progressively detaches itself from preconceived notions of genre and whose narrative invites reflection. For this, a bibliographic basis was made around the notions of social function and Queer Theory, as well as research on the relation between gender and Design and the problems faced by transgender people. The methodology used in the project was the Double Diamond, divided into four phases: discover, define, develop and deliver. Its starting point was preliminary researches and interviews with transgender people. From the analysis of the interviews, there was a greater understanding of the problems faced by them and the book-object began to be conceived. Both the subject to be addressed in the narrative and the visual language adopted started from a comparison between what was observed in the interviews and the role of design in this observation.

Keywords: visual language; gender, transgender, graphic design; object book.

AGRADECIMENTO

Agradeço a todos que me ajudaram a finalizar essa jornada no Curso de Design, Cláudia Marinho, minha orientadora, a banca, Camila Barros e Lucas Vieira, cada professor que, ao longo dos anos, contribuiu para minha formação, em especial a professora Lilu. Obrigada a coordenação, pela paciência e por ter me permitido chegar até aqui

Agradeço a minha família e aos amigos que me apoiaram, em especial, Rayna, Paula, Bruno e minhas amigas do colégio, de quem recebo e dou conselhos.

Muito obrigada a todas as pessoas que contribuíram para esse projeto, seja em entrevistas, em conselhos ou em discussões que me ajudaram a materializar os pensamentos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Intersecção entre representação, visibilidade e aceitação.....	12
Figura 2 - Sexo, Gênero e Sexualidade.....	17
Figura 3 - Caminho da mensagem.....	22
Figura 4 - Elementos Visuais segundo Dondis(2003).....	24
Figura 5 - Diamante Duplo.....	27
Figura 6 - Passo a passo projetual com metodologia.....	28
Figura 7 - Cronograma.....	29
Figura 8 - Capa do livro <i>Menino, Menina</i>	30
Figura 9 - Spread do livro <i>Menino, Menina</i>	30
Figura 10 - Livro Arlequín.....	31
Figura 11 - Aquarela(15x15cm) da exposição “Híbrida, Híbrida”, 2020.....	32
Figura 12 - Questionário Elaborado pela autora - Parte 1.....	33
Figura 13 - Questionário Elaborado pela autora - Parte 2.....	34
Figura 14 - Questionário Elaborado pela autora - Parte 3.....	34
Figura 15 - Post-its das entrevistas 1 e 2.....	36
Figura 16 - Post-its das entrevistas 3 e 4.....	36
Figura 17 - Temáticas geradas no agrupamento de afinidades.....	37
Figura 18 - Assuntos em comum entre entrevistados	37
Figura 19 - Nuvem de Palavras.....	38
Figura 20 - Conceitos x Direcionamentos.....	38
Figura 21 -Mural da Entrevista 1.....	40
Figura 22 - Abstrações da Entrevista 1.....	40
Figura 23 - Mural da Entrevista 2.....	41
Figura 24 - Abstrações da Entrevista 2.....	41
Figura 25 - Mural da Entrevista 3.....	42
Figura 26 - Abstrações da Entrevista 3.....	42
Figura 27 - Mural da Entrevista 4.....	43
Figura 28 - Abstrações da Entrevista 4.....	43
Figura 29 - Gramática da Forma.....	44
Figura 30 - Segoe Print tipografia.....	45
Figura 31 - Testes de formato.....	46
Figura 32 - Como dobrar o livro.....	47

Figura 33 - Gride do livro-objeto.....	48
Figura 34 - Frente do livro-objeto.....	49
Figura 35 - Capa.....	49
Figura 36 - Abertura 1	50
Figura 37 - Aberturas 2 e 3.....	50
Figura 38 - Aberturas 4 e 5.....	50
Figura 39 - Abertura 6 e interior da folha.....	51
Figura 40 - Contracapa.....	51

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	07
2	CONTEXTUALIZAÇÃO	09
2.1	Função Social do design	09
2.2	Teoria Queer	13
2.3	Gênero e identidade	15
2.3.1	<i>Transgênero</i>	18
3	PERGUNTA DE PESQUISA	19
4	OBJETIVOS	19
4.1	Geral.....	19
4.2	Específicos.....	19
5	JUSTIFICATIVA.....	20
6	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	21
6.1	Comunicação visual.....	21
6.1.1	<i>Elementos visuais</i>	23
6.2	Livro-Objeto.....	24
6.2.1	<i>Livro Desdobrável</i>	25
7	METODOLOGIA.....	25
7.1	Metodologia de pesquisa.....	25
7.2	Pesquisa através do projeto.....	27
8	CRONOGRAMA.....	29
9	ANÁLISE DE SIMILARES.....	29
9.1	Menino, Menina.....	29
9.2	Arlequin.....	30
9.3	Híbrida, Híbrida.....	31
10	DIRETRIZES PROJETUAIS.....	32
11	MEMORIAL DESCRITIVO.....	32
11.1	Entrevistas.....	33
11.2	Análise de Entrevistas.....	35
11.3	Relacionando Conceitos.....	38
11.4	Gramática da Forma.....	39
11.5	Cores, textura e tipografia.....	44

11.6	Escolha do Formato.....	45
11.7	Narrativa.....	47
11.8	Montagem.....	47
12	LIVRO.....	49
13	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
14	REFERÊNCIAS.....	53
	Apêndice A - Questionário.....	57
	Apêndice B - Entrevistas.....	59

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho nasceu de um incômodo: a fixação do mercado e da sociedade em dividir tudo em coisas de homem e coisas de mulheres, até no que não há necessidade, como um óculos. Se essas pequenas situações podem ser um incômodo para algumas mulheres, como será para as pessoas que não se encaixam exatamente no que a sociedade espera de um homem e de uma mulher?(BUTLER, 2003).

Como essa polarização de gêneros na comunicação visual afeta as pessoas transgênero e o que o Design pode fazer a respeito?

O que acontece é que há uma padronização social que começa na escola(MISKOLCI, 2012), continua no ensino superior, é reproduzida no trabalho e reverbera por toda a sociedade; toma-se como garantida a máxima de que existem coisas de homem e coisas de mulher - os símbolos e as necessidades na maioria dos projetos são trabalhadas dentro dessas duas categorias, o que faz com que outros gêneros sejam ignorados, desconsiderados.

Na tentativa de entender e situar o que o Design já investiga e/ou faz sobre o assunto, foram feitas pesquisas bibliográficas e projetuais. Quando se pesquisa sobre gênero, se pode cair em duas linhas de pensamento, uma em que os estudos de gênero são focados na mulher(SCOTT,1995), como oposição à estrutura patriarcal, e outra em que os estudos de gênero focam nas pessoas transgênero(transexual, agênero, bigênero...)(NASCIMENTO,2021). A pesquisa entende os estudos de gênero como a segunda linha de pensamento apresentada.

Sobre as referências de projeto, foram encontrados alguns poucos de designers internacionais que giram em torno da transgeneridade, a maioria estadunidense ou com conexões no país. Alguns exemplos são, a designer Chris Liljenberg Halstrøm, que faz móveis agênero, a outra é Faye Toogood¹, experimentações em vitrines de roupas, eliminando o gênero destas.

¹ Ver

<<https://medium.com/nossa-coletividad/o-design-pode-n%C3%A3o-ter-g%C3%AAnero-944f3a95207>>

Em relação às pesquisas bibliográficas, o Design no geral e as pessoas transgênero, muitos dos estudos encontrados são teóricos, reflexivos em relação ao papel, a influência do Design nas questões de gênero(OLIVEIRA; MEDEIROS,2020) ou de análise de produtos pessoais(RODRIGUES, PORTINARI, 2016), de brinquedos(BEZERRA,2016), Design da Informação, emojis(KLAFKE; HANNS, 2018), sinalética, embalagens, tipografias e todos começam o questionamento pelo uso da linguagem visual em si, como ela é aplicada. No Design de Produto, muitas vezes temos produções que se originam da moda, com as roupas e acessórios agênero; .são encontrados alguns brinquedos e móveis também agênero; no Design Gráfico encontramos estudos tipográficos(LUPTON et al, 2020) e de cartazes(FIALHO,2017). É possível identificar que não existe um enfoque prático que una todos esses projetos, existe um enfoque ideológico, o de desfazer as amarras das “caixinhas binárias”.²

Se a maioria dos trabalhos encontrados são de análise e a maioria das análises toca no assunto “linguagem visual”, um caminho já foi indicado: seria pela manipulação dos elementos visuais que se construiria o significado da mensagem a ser passada(DONDIS,2003).

Como então, fazer um projeto que expanda o campo da análise que resulte em algo prático? Como trazer à tona as dificuldades enfrentadas no dia-a-dia por essas pessoas? A chave é estar disposto(a) a entender as questões que são próprias desse público que são as pessoas transgênero.

Para isso, foi aplicada a metodologia do Duplo Diamante³, criada pelo *British Design Council*, da Inglaterra, em 2005; Essa metodologia tem 4 fases básicas: descobrir, definir, desenvolver, entregar, organizadas e um gráfico com dois diamantes, um do lado do outro. No primeiro diamante, ficam as fases descobrir e definir, no segundo diamante, as fases desenvolver e entregar. Essa constante alternância entre gerar e filtrar informação, facilita o movimento de sair de um problema mais abrangente e complexo e chegar a uma solução mais focada.

Na fase da descoberta, a pesquisa foi encaminhada , por meio de entrevistas com pessoas transgênero, depois, na fase de definição, as informações

² O tema será melhor abordado nos tópicos 2.2 e 2.3 do presente trabalho

³ Ver <<https://49educacao.com.br/frameworks/double-diamond/>>

obtidas foram analisadas, o que possibilitou a criação de um projeto socialmente responsável, que reflete sobre os temas apresentados nas entrevistas. Nas fases seguintes, de desenvolvimento e entrega, outras questões foram decididas, como: como materializar o projeto? Cartazes, livros, algum objeto? No fim, foi decidido a produção de um livro desdobrável, um tipo de livro-objeto; foi escolhido por seu manuseio incomum comparado com a estrutura do livro como conhecemos - leitura da esquerda para a direita, manuseio linear, formato retangular- que possibilita uma maior interação tátil do leitor em relação ao livro.

É bom destacar que o projeto pretende provocar uma pausa no dia dos leitores, um momento em que a pessoa reflita sobre outras perspectivas além dessa divisão dual de gênero. Há também um certo desafio, frente aos vários artigos de análise encontrados(OLIVEIRA; MEDEIROS,2020)(RODRIGUES, PORTINARI, 2016)(BEZERRA,2016)(KLAFKE; HANNS, 2018); uma resposta de que é possível sim sair da análise e aplicar uma linguagem visual que fuja das convenções binárias de que só existem dois gêneros, homem e mulher e que a estes são atribuídas certas cores, certas formas, certos produtos.

2.CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 Função Social do Design

Alguns argumentam que o Design já tem uma função social simplesmente por existir como profissão, é o que Norberto Chaves chama de "incidência geral do Design na sociedade⁴", pois como profissão criativa, que constantemente cria artefatos e identidades para esses artefatos, no sentido de que padroniza características visuais e formais para a elaboração de produtos, que geralmente são massivamente consumidos, tudo o que produz influencia no sistema social.

"Porém, o papel do design na produção massificada de identidades é desatento, um procedimento rotineiro e despolitizado. As identidades que produz são empresariais. Oferecem a solução de todos os problemas do mundo identificando-os com um logótipo e um slogan, refazendo tudo e

⁴ CHAVES, Norberto. A Função Social do Design: realidades e utopias, por Norberto Chaves. **tarciziosilva**, 06 fev. 2008

todos à imagem da empresa, de indivíduos a instituições públicas, passando por cidades e países.” (MOURA, 2018. P. 09 e 10).

Ou ainda, como destaca Margolin(2002, p.24), “desde a Revolução Industrial, o paradigma dominante do design tem sido o de projetar para o mercado, e alternativas têm recebido pouca atenção⁵”

Muitas vezes, o mercado prioriza o lucro em detrimento de questões sociais e, dentro dessa lógica puramente capitalista, o designer pouco tem chance de mudar o *status quo*.

Esse processo não vai parar se a indústria e o design continuarem sendo atividades exclusivamente reativas, impulsionadas pelo mercado. Os designers devem reconhecer as situações sociais em que trabalham e para as quais contribuem, e assumir posições conscientes para definir o futuro da profissão. (FRASCARA, 2015. P.51, tradução nossa)⁶

Para que um Design seja realmente socialmente responsável, Pazmino argumenta que “o trabalho do designer deve valorizar os aspectos sociais, culturais e ambientais da população e desenvolver produtos que satisfaçam as necessidades reais” (2007,p.5). Isso não quer dizer que seja preciso execrar a lógica capitalista em favor da social, isso nem é viável, basta ter como prioridade de projeto as necessidades humanas, em vez do lucro (MARGOLIN,2002).

O Design Gráfico em especial, tende a ser absorvido por outras áreas como a Publicidade e o Marketing, áreas muito voltadas para a venda e para promover algo, nada mais lógico do que adequar-se às normas sociais já estabelecidas.

Cria-se um ciclo vicioso em que a maioria dos produtos ainda são produzidos com um público ideal em mente. Geralmente, esse público é hétero, branco e cisgênero⁷, afinal, é o público que a sociedade utiliza como régua

⁵ “Since the Industrial Revolution, the dominant design paradigm has been one of design for the market, and alternatives have received little attention.”

⁶ “Este proceso no se detendrá si la industria y el diseño continúan siendo actividades exclusivamente reactivas, movidas por el mercado. Los diseñadores deben reconocer las situaciones sociales en que trabajan y a las que contribuyen, y tomar posiciones conscientes para definir el futuro de la profesión.”

⁷ Entenda por cisgênero quem se identifica com o gênero ao qual foi designado ao nascer, logo, se nasceu homem e se identifica como homem, é um homem cisgênero. O assunto será abordado nos tópicos 2.3 e 2.3.1 do presente artigo.

normatizadora.⁸ Conseqüentemente, a heteronormatividade continua sendo validada dentro dessa lógica, em que uma ordem de poder é mantida.

O processo de heteronormatividade sustenta e justifica instituições e sistemas educacionais, jurídicos, de saúde e tantos outros. É à imagem e semelhança dos sujeitos heterossexuais que se constroem e se mantêm esses sistemas e instituições – daí que são esses os sujeitos efetivamente qualificados para usufruir de seus serviços e para receber os benefícios do Estado.(LOURO, 2007. P. 99)

O designer reproduz estereótipos de gênero na maneira como conduz grande parte dos projetos vinculados aos processos do mercado; , isso impacta a percepção das pessoas(PATER,2020).

Se a maioria dos produtos está dividido em dois gêneros, masculino e feminino, isso quer dizer que devem existir apenas dois gêneros? Na verdade, existe todo um espectro de pessoas que se identificam fora dessa classificação binária. Toda uma cultura visual e social é montada em torno desse dualismo, mas isso acaba por invisibilizar e marginalizar pessoas transgêneras, que encontram várias dificuldades, como por exemplo, de encontrar emprego formal(DA SILVA, et al, 2020).

Sabemos que é impossível identificar quem enuncia uma norma: a norma acontece, ela se espalha por toda parte e costuma penetrar em todos. É da “natureza” da norma essa espécie de invisibilidade e de ubiquidade, uma generalização e uma propagação intensa, anônima e insidiosa.(LOURO, 2007. P.101)

Existe um equilíbrio muito tênue entre Representação Visual, Visibilidade e Aceitação Social⁹.

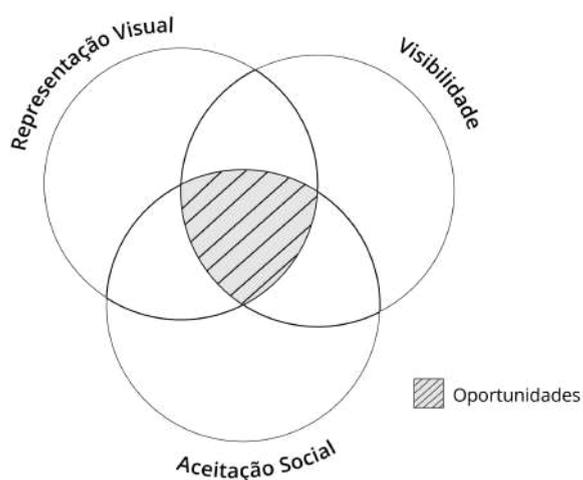
As pessoas são influenciadas quanto à construção de suas identidades, e a cultura visual acaba transmitindo valores e interferindo nas subjetividades destas pessoas. Como exemplo disso, encontram-se as imagens e objetos que são vivenciados e consumidos diariamente por crianças, jovens e adolescentes.(DE SOUZA, ZAMPERETTI, 2017. P.144)

⁸ O parâmetro para que alguém seja considerado normal e bem visto socialmente, tem origem na idealização da família composta por homem e mulher brancos, junto com seus filhos. Quanto mais perto desse ideal, menos fora do padrão você está.

⁹ As representações visuais nos rodeiam, absorvemos informações inconscientemente através delas, quanto mais absorvemos um assunto, mais receptivos estamos a ele, menos estranheza nos causa. Essa lógica se aplica à luta por visibilidade da população LGBTQIA+, que luta por ter seus direitos civis vistos e acatados, mas também por serem vistos menos com estranheza e mais como mais seres-humanos que vivem em sociedade.

Quanto mais algo é reproduzido sob uma luz positiva, mais é visto e maiores as chances de, com o tempo, ser enxergado como positivo pela sociedade, o que acontece com muita rapidez em relação às tendências de moda, por exemplo. Mas, no caso de uma sociedade dividida entre dois gêneros, como fazer os demais gêneros serem compreendidos e aceitos? O processo requer uma mudança no pensamento social - o que é lento - então é necessário um trabalho de formiguinha do Design e de outras profissões que trabalham com representação e comunicação.

Figura 01: Intersecção entre representação, visibilidade e aceitação



Fonte: Feito pela autora(2022)

Como se criar “projetos sensíveis aos vários gêneros”¹⁰(homem transgênero, mulher transgênero e não-binários) , desde trabalhar a linguagem visual do projeto até pensar se ele realmente atende as necessidades da maioria ou apenas de uma *persona* ideal?. O Design tem a responsabilidade, juntamente com outras profissões, de repensar o modo como se fazem objetos, identidades visuais,

¹⁰ BUCHMÜLLER, SANDRA.How to Design in a Social Responsible and Gender Sensitive Way?.KISD, 06 dec. 2016

como se fazem espaços. Tem a responsabilidade de abrir caminhos para que outras identidades¹¹, além das cis-heteronormativas¹², tenham voz.

2.2 Teoria Queer

Enquanto o Design ainda continua embasando a maioria dos projetos nessa lógica binária, para homens ou mulheres, a definição de gênero mudou ao longo dos anos.

Até o começo do século XX, não existia distinção alguma entre as palavras sexo e gênero, tanto é, que em seu livro “Sexo e Temperamento”, de 1935, a antropóloga Margareth Mead investiga as diferenças ou igualdades de hábitos culturais entre homens e mulheres de diferentes tribos. Pela perspectiva de hoje, Mead (1935) claramente investiga expressões de gênero, como algo cultural, mas coloca no título a palavra sexo, como algo biológico.

Alguns anos mais tarde, a partir do década de 1950 e ao longo dos anos 60 e 70, com a reivindicação dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos, outros movimentações sociais começaram a eclodir, como o surgimento da segunda onda feminista e o movimento dos homossexuais. A partir das teorias feministas da época, pode-se ver um vislumbre de que as noções do que é sexo, sexualidade e gênero começam a se separar(SCOTT,1995). Começava-se a contrapor Biologia vs Sexualidade, Heterossexualidade vs Homossexualidade, no entanto, ainda numa perspectiva binária e atrelada ao sexo. O movimento homossexual focava na despatologização da homossexualidade(tida como doença desde o sec XIX) e sua aceitação como algo normal. Houve aí, uma certa heteronormatização da homossexualidade(MISKOLCI, 2012) para que ela fosse palatável para a sociedade em geral; aos poucos, houve uma ascensão do gay branco de classe média e que “não parecia ser gay”. Os gays afeminados, as lésbicas masculinas e toda e qualquer expressão, que não siga a heteronormativa, continua deixada de lado.

¹¹ Ver tópico 2.3 do presente trabalho

¹² “A heteronormatividade seria a ordem sexual do presente, na qual todo mundo é criado para ser heterossexual, ou – mesmo que não venha a se relacionar com pessoas do sexo oposto – para que adote o modelo da heterossexualidade em sua vida.” (MISKOLCI, 2012. P.15).

A adição do prefixo “cis”, destaca que a normalização vai além da sexualidade, mas se estende aos corpos e ao gênero.(NASCIMENTO, 2020)

O discurso político e teórico que produz a representação “positiva” da homossexualidade também exerce, é claro, um efeito regulador e disciplinador. Ao afirmar uma dada posição-de-sujeito, supõe, necessariamente, o estabelecimento de seus contornos, seus limites, suas possibilidades e restrições. Nesse discurso, é a escolha do objeto amoroso que define a identidade sexual e, sendo assim, a identidade gay ou lésbica assenta-se na preferência em manter relações sexuais com alguém do mesmo sexo. (LOURO, 2007. P. 31)

Naturalmente isso começou a ser questionado e foi daí que a Teoria Queer começou a tomar forma:

“Intelectualmente, esse impulso crítico inicial originou obras acadêmicas dispersas em vários países, como o Brasil, a França e os Estados Unidos. Dentre os precursores da Teoria Queer, é importante citar Guy Hocquenghem, pensador francês que, no início dos anos 1970, publicou *Le désir homosexuel* (O desejo homossexual), um livro sobre o papel do medo da ho-mossexualidade na definição da ordem político-social do pre-sente e alguns artigos da antropóloga feminista Gayle Rubin, em especial seu ensaio *Thinking Sex* (Pensando sobre Sexo, 1984)”(MISKOLCI, 2012. P. 22)

Esses primeiros pensadores questionavam a necessidade de se conformar, seja como fosse, a qualquer tipo de normatização.

A política de identidades, ao mesmo tempo em que visibilizava e fortalecia os movimentos sexuais, também sugeria uma unidade que, para alguns/mas, se aparentava a uma nova forma de normatização. Por outro lado, queer se vincula a vertentes do pensamento contemporâneo que problematizam noções clássicas de sujeito, de identidade, de agência.(LOURO, 2007. P. 84)

Mas essa teoria só se consolidou mesmo, com o livro *“Problemas de Gênero:Feminismo e subversão da identidade”* de Judith Butler, publicado pela primeira vez em 1990 nos Estados Unidos. Nesse livro, Butler separa definitivamente sexo de gênero, também contesta toda a estrutura que forma as bases das condutas aceitas pela sociedade. Questiona e desconstrói as normas reguladoras do que é sexo, gênero, atração sexual e também o pensamento determinista de que já há caminhos traçados para uma pessoa na sociedade conforme seu sexo.

Se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra, de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. (BUTLER, 2003. P.24)

Além disso, mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição (ao que será questionado), não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois (BUTLER,2003. P.24)

Essas contestações a estrutura binária da heteronormatividade e a instauração da ideia de que gênero é performativo¹³(e o sexo também), lançou as bases do que chamamos hoje de *Teoria Queer*.

O fato de a realidade do gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória(BUTLER,2003. P.201)

Queer em inglês quer dizer estranho, mas também era e é usado como um xingamento direcionado a pessoas homossexuais e/ou transgêneras. As comunidades atacadas com esse xingamento se apropriam dele e o usam para nomear uma teoria que “permite pensar a ambigüidade, a multiplicidade e a fluidez das identidades sexuais e de gênero mas, além disso, também sugere novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação”(LOURO, 2001. P.550)

Para esse grupo, *queer* significa colocar-se contra a normalização – venha ela de onde vier. Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade; mas não escaparia de sua crítica a normalização e a estabilidade propostas pela política de identidade do movimento homossexual dominante. *Queer* representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora. (LOURO, 2001. P.546)

O surgimento dessa teoria que contestasexo, gênero, identidade - a estrutura social em si - , abre uma fissura nessas estruturas para criar uma oportunidade para que a relação identitária com o gênero seja pensada e repensada, escrutinada, tanto no âmbito social quanto no âmbito pessoal.

2.3 Gênero e identidade

Nomear e categorizar, a humanidade sente necessidade de rotular tudo. Nomear algo é uma forma de chamar a atenção para tal. Por isso, ao mesmo tempo que as bases da Teoria Queer se formavam, começou em paralelo um movimento de ramificação das nomenclaturas de identidade de gênero.

¹³ “Consideremos o gênero, por exemplo, como um estilo corporal, um ‘ato’, por assim dizer, que tanto é intencional como performativo, onde ‘performativo’ sugere uma construção dramática e contingente do sentido.”(BUTLER,2003. P.199)

Apesar de Butler e outros pensadores da Teoria *Queer* contestarem qualquer estabelecimento de identidade¹⁴ e tentativa de normatização, o surgimento de novas nomenclaturas não é nada mais do que uma outra forma de contestar a cis-heteronormatividade, um reflexo da luta por afirmação e aceitação das pessoas fora do padrão de gênero socialmente aceito, uma busca por nomear e validar o gênero com o qual se vêem, se identificam. “A identidade é daquelas coisas que surgem com o fogo, por fricção. Percebe-se que se tem - ou cria se uma - raspando-a contra a outra.” (MOURA, 2018. P. 8)

Desconstruir a polaridade rígida dos gêneros, então, significaria problematizar tanto a oposição entre eles quanto a unidade interna de cada um. Implicaria observar que o pólo masculino contém o feminino (de modo desviado, postergado, reprimido) e vice-versa; implicaria também perceber que cada um desses pólos é internamente fragmentado e dividido (afinal não existe a mulher, mas várias e diferentes mulheres que não são idênticas entre si, que podem ou não ser solidárias, cúmplices ou opositoras). (LOURO, 1997. P. 31)

Além disso, verifica-se que não pode haver reprodução de normas generificadas sem a representação corporal dessas normas, e quando esse campo de normas se rompe, mesmo que provisoriamente, vemos que os objetivos estimuladores de um discurso regulatório, como ele é representado corporalmente, têm consequências nem sempre previstas, abrindo caminhos para formas de viver o gênero que desafiam as normas de reconhecimento predominantes. Assim, podemos ver claramente o surgimento de transgênero, *genderqueer*, *butch*, *femme* e modos hiperbólicos ou dissidentes de masculinidade e feminilidade, e mesmo zonas de vida generificada que se opõem a todas as distinções categóricas como essas. (Butler, 2018. P. 40)

Para um melhor entendimento, é necessária uma explanação das diferenças entre sexo biológico¹⁵, gênero e atração sexual, pois esses três conceitos tendem a gerar muita confusão. De modo geral e simplificado, podemos pensar em “sexo como aquilo que a pessoa traz ‘entre as pernas’, gênero como aquilo que traz ‘entre as orelhas’ e orientação sexual como quem ela gosta de ter ‘entre os braços’”. (LANZ, 2014. P.41).

¹⁴ AHMED, Sara. JUDITH BUTLER: ‘BOA PARTE DE TEORIA QUEER FOI DIRIGIDA CONTRA O POLICIAMENTO DA IDENTIDADE’ *comciencia*, 10 fev. 2017

¹⁵ Butler (2003), estende o conceito de performatividade que aplica ao gênero, para o conceito de sexo também, e, conseqüentemente, contesta a noção de que sexo é inerentemente natural/biológico, mas sim uma construção social assim como o gênero, Nascimento (2021), em seu livro “Transfeminismo” segue a mesma linha de pensamento. Já Lanz (2014), se refere ao sexo como os genitais, como algo biológico. Ao mesmo tempo, Lanz também dissocia a obrigatoriedade de o que “está entre as pernas” corresponda ao que está “entre as orelhas”, que é o principal incômodo de pensadores *queer* e transfeministas com as teorias feministas das décadas de 1960 e 1970.

Sexo ou sexo biológico se refere ao órgão sexual com o qual se nasce. Se você nasce com um pênis, você é macho, com uma vulva, uma fêmea, algo entre os dois, intersexo, com traços genitais imprecisos, sem sexo algum.

Gênero ou Identidade de gênero se refere a como, em face das convenções sociais, políticas, religiosas e culturais, uma pessoa se reconhece. Ela pode ser homem ou mulher cisgênero(seu gênero corresponde ao sexo com o qual nasceu), homem ou mulher transgênero(seu gênero difere do sexo com o qual nasceu) ou ainda transgênero não-binário(não se identifica com o rótulo de homem ou de mulher - pode ser: agênero - nenhum dos dois gêneros, bigênero -os dois, gênero fluido -varia entre os dois).

Gênero diz respeito às expectativas sociais de desempenho que cada ser humano deve atender tendo em vista o seu sexo genital. O gênero é uma construção social que varia intensamente de cultura para cultura e de época para época. Por definição, a nossa cultura, assim como toda a cultura ocidental, reconhece a existência de duas e apenas duas categorias de gênero: masculino e feminino ou homem e mulher. (LANZ, 2014. P 39)

Já atração sexual diz respeito por quem a pessoa sente atração física, pode ser: heterossexual(atração pelo gênero oposto), homossexual(atração pelo mesmo gênero) bissexual ou pansexual(atração por dois ou mais gêneros). Lanz(2014) resume bem essas definições no gráfico abaixo:

Figura 02: Sexo, Gênero e Sexualidade



Fonte: LANZ, Leticia, 2014

2.3.1 Transgênero

Nesse projeto, transgênero será abordado como um termo guarda-chuva, que engloba todas as identidades de gênero que divergem da norma aceita (ser homem com pênis ou mulher com vagina). O prefixo *trans*, já sugere um ultrapassar, um ir além do gênero admitido como normal.

O transgênero só existe porque existe a norma binária de gênero e o seu mecanismo de diferenciação, classificação e hierarquização dos indivíduos, baseado exclusivamente no órgão genital do indivíduo ao nascer. A transgressão é a marca que distingue as pessoas.” (LANZ, 2014. P. 24)

Ao longo da história várias culturas admitem a existência de mais de 2 gêneros, identidades de gênero que fogem do binarismo homem-mulher, é o caso *muxes*¹⁶, identidade de gênero encontrada no povo Zapoteca, no sul do México, reconhecida por eles desde os tempos pré-hispânicos.

Agora, o conceito de transgeneridade, em oposição a cis-heteronormatividade, é mais recente, começou em 1949 com o sexólogo *David Caudwell*¹⁷. E é usado para identificar as pessoas que nasceram com um gênero denominado mas não se identificam com ele.

Como todos que fogem do normativo, pessoas transgênero são bem marginalizadas. Segundo Letícia Nascimento (2021), em seu livro “*Transfeminismo*”, pessoas transgênero são vistas como “o outro do outro do outro”.

A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro. (BEAUVOIR, 1970. P. 10)

Como mulheres transexuais e travestis, os deslocamentos das outreridades se movem de modo a produzir a vulnerabilização de nossas existências. Nossas outreridades estão além; somos, de certa maneira, o Outro do Outro do Outro, uma imagem distante daquilo que é determinado normativamente na sociedade como homem e mulher. (Nascimento, 2021. P.34)

¹⁶ SYNOWIEC, Ola. IDENTIDADE DE GÊNERO: A COMUNIDADE MEXICANA ONDE HÁ MAIS DO QUE HOMENS E MULHERES. **bbc travel**, 04 fev. 2019

¹⁷ Ver o tópico A TRANSEXUALIDADE NO SÉCULO XX, do artigo “Breve Percurso Histórico Acerca da Transexualidade” (MOREIRA, Euza e MARCOS, Cristina, 2019)

Para Beauvoir(1970), a mulher só existe socialmente se comparada ao homem, o homem é o ideal, ela só existe em relação a ele, marginalizada, ela é o outro. Nascimento(2021), expande esse conceito para as existências transgênero, marginalizada em comparação a qualquer outra minoria.

São tratadas como outros, não só as mulheres transgênero, mas toda expressão trans, às vezes, até mesmo dentro da comunidade LGBTQIA+, pelo menos pela parcela que tende a reproduzir a cis-heteronormatividade.

A luta por direitos ainda é bem longa, e, por estarem fora da convenção social, essas identidades lutam para serem reconhecidas, aceitas pela sociedade, vistas e representadas como mais uma das muitas formas de expressão e identificação dentro do espectro que é o gênero.

3. PERGUNTA DE PESQUISA

Como o Design, como gerador de comunicação, pode se engajar na construção da identidade de gênero?

4. OBJETIVOS

4.1. Geral

Desenvolver um livro-objeto que aborde as dinâmicas da cultura e dos códigos de pessoas transgênero.

4.2. Específicos

- Realizar pesquisa bibliográfica sobre a função social do Design com foco na representação de gênero para entender o cenário atual.
- Conhecer as dinâmicas e vivências de pessoas transgênero, a partir de entrevistas direcionadas.
- Identificar e elencar, a partir da análise das entrevistas, os elementos visuais a serem trabalhados

- Entender/Refletir sobre como fazer um projeto que contribua para reflexões sobre as singularidades da comunidade transgênera.

5. JUSTIFICATIVA

Como mulher, o incômodo pessoal com a expectativa social de como cada gênero deve se portar sempre esteve presente, a sensação é que as mulheres nunca alcançam o que se espera delas, sempre surge uma cobrança diferente: para ser mais magra, mais encorpada, mais qualificada, menos sabe-tudo, mais arrumada, menos rebelde, usar mais maquiagem, usar menos maquiagem. Mesmo quem é mulher cis e se encaixa na visão de gênero que a sociedade tem (mulher com vagina, feminina o suficiente, sabe cuidar de uma casa, tem filhos e até trabalha) dificilmente se encaixa totalmente no padrão exigido, porque parece que as exigências sempre se atualizam.

A partir dessa indignação pessoal, a pesquisa começou focada nas mulheres cis, no entanto, no decorrer da pesquisa ficou claro que, o que muitas vezes é fonte de incômodo para mulheres cis, para pessoas transgênero é risco de vida. Existe um limite implícito que dita o quanto ainda é aceitável e o quanto é absurdo demais se desviar dos padrões de gênero, e as pessoas transgênero são encaradas como uma das representações vivas do que não é aceitável, por isso são excluídas, ignoradas, rechaçadas.

Como designer, essas questões levaram-se a levantar perguntas como: O que o Design faz sobre isso? Ele ajuda a perpetuar estereótipos, sim ou não? Se isso acontece, como acontece? Como fazer diferente então?

No decorrer do curso de Design (UFC), são apresentados vários métodos para a execução de um projeto; técnicas para estimular a criatividade, ferramentas que facilitam o processo de criação e o descobrimento e entendimento de quem é e do que o cliente necessita. No entanto, entre a academia e o mercado de trabalho, tais métodos tendem a cair em uma espécie de modo auto-piloto. O melhor método é esse, as melhores fontes são essas, os simbolismos mais adequados para se passar a mensagem pretendida são aqueles.

Por vezes parece que o designer ainda está preso nessa representação dual do gênero, e a propaga tanto no ensino acadêmico, quanto no mercado de trabalho. Seja de propósito, para se manter uma certa estrutura de poder, seja simplesmente por que sempre se aprendeu assim e essa visão binária é passada para frente sem muita reflexão, o fato é que propaga. O fato é que as expressões de gênero são muito mais amplas.

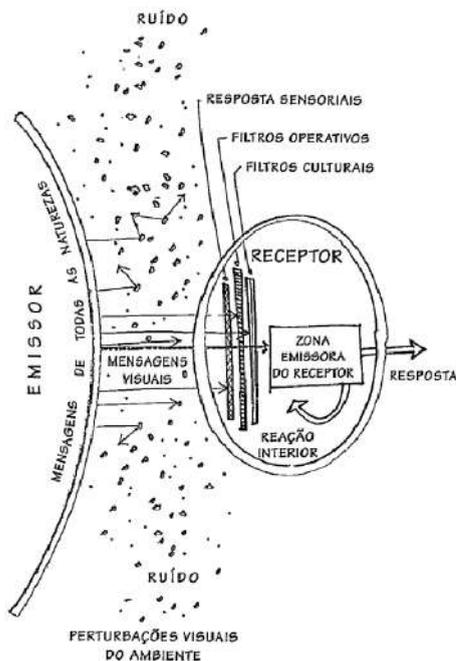
Quanto mais essas pessoas com gêneros "desviantes" da norma reivindicam seu espaço, mais o designer tem o desafio de incluir essas pessoas em seu modo de produzir comunicação e, se bem usada, essa comunicação pode até ajudar esse grupo de pessoas marginalizadas a serem melhor ouvidas, vistas, incluídas.

6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

6.1 Comunicação visual

Na fala, a comunicação ocorre por meio da emissão de uma sequência de sons com significados associados; na escrita, ocorre pelo uso de uma sequência de códigos já conhecidos, aos quais se atribuem significado. Já a comunicação visual ocorre por mensagens visuais(MUNARI,1997), estas são captadas pela visão e interpretadas pelo cérebro conforme repertório pessoal. Nota-se no esquema abaixo que nenhuma mensagem é entendida ou transmitida sem antes passar pelos filtros pessoais.

Figura 03: Caminho da mensagem



Fonte: MUNARI, Bruno, 1997

Ainda no raciocínio de Munari, ele define comunicação visual como tudo aquilo que os olhos veem (MUNARI, 1997) e a classifica em duas categorias:

- **Comunicação visual casual:** é toda e qualquer imagem que cruza o olhar de quem a enxerga sem ter realmente alguma intenção de comunicar algo.
- **Comunicação visual intencional:** é qualquer sequência de imagens ou composições visuais que transmita uma informação precisa. Estas podem conter informações práticas, com o objetivo de informar algo, ou informação estética, que não necessariamente têm o objetivo de informar, mas que teve sua composição pensada.

A informação trabalhada pelo designer cai na categoria de comunicação visual intencional, tem-se todo um trabalho de escolher o objetivo da mensagem que se quer passar, quais elementos visuais se quer trabalhar, como trabalhar a imagem, refinar a composição visual e ainda assim, o processo de criação e a percepção do receptor são influenciados pelo modo como se vê o mundo (DONDIS, 2003).

Embora o significado de cores, símbolos e imagens esteja sujeito a interpretações diferentes, seja pela ação da cultura, seja pela ação do tempo(PATER,2020), a percepção coletiva de certos assuntos, principalmente os sociais, é constantemente moldada pela repetição de estereótipos.

É difícil medir o impacto do design gráfico em comparação com outras formas de comunicação, como jornalismo, entretenimento, arte ou literatura, mas não há dúvida de que os estereótipos criados pela publicidade são enormemente poderosos e promovem certos valores sociais que , desejáveis ou indesejáveis, condicionam o desenvolvimento de muitos aspectos da cultura e colorem muitos papéis sociais com conotações específicas.(FRASCARA, 2015. P.72)

. Por isso, o ideal é que se tenha todo um cuidado de elaboração e refinação da ideia antes que esta se concretize visualmente. Numa abordagem socialmente responsável, é preciso levar em consideração a quem essa mensagem afetará e como afetará, numa escala maior do que a relação designer-cliente .

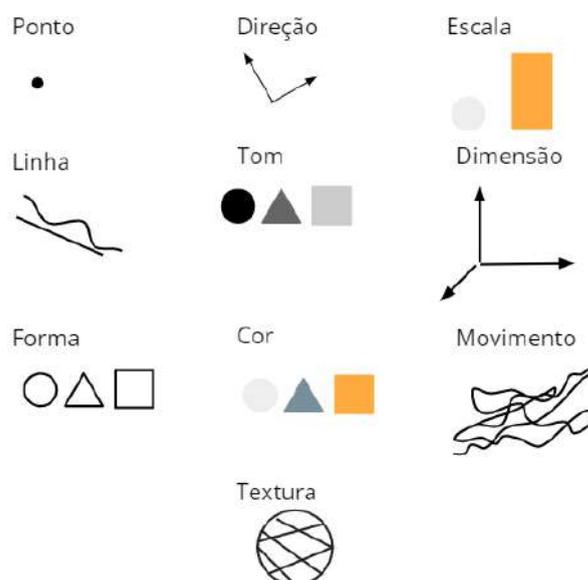
6.1.1 Elementos visuais

Os elementos visuais são a unidade básica da comunicação visual, estes são trabalhados e organizados em uma composição visual para que uma ideia seja transmitida. Dondis(2003) elenca os elementos visuais em: ponto, linha, forma, direção, textura, dimensão, escala e movimento.

A composição visual parte dos elementos básicos: ponto, linha, forma, direção, textura, dimensão, escala e movimento. Na composição, o primeiro passo tem por base uma escolha dos elementos apropriados ao veículo de comunicação que se vai trabalhar. Em outras palavras, a forma é a estrutura elementar (DONDIS, 2003. P.137)

Como unidades mais básicas, são eles que são manipulados para mudar o sentido e o objetivo de uma mensagem(DONDIS,2003). É a união dos elementos visuais, nessa forma final de uma composição visual que da sentido à mensagem. Por isso, quais elementos usar e como aplicá-los deve ser uma decisão bem pensada.

Figura 04: Elementos Visuais segundo Dondis(2003)



Fonte: Feito pela autora(2022)

6.2 Livro-Objeto

É difícil definir o que é livro-objeto, eles podem vir em diversos formatos, tamanhos e materiais. Muitos textos até tocam no assunto, mas poucos realmente definem o que seria esse tipo de livro, no geral, ele se confunde muito com livro ilustrado e o livro de artista, mas, enquanto o livro ilustrado tem como principal característica a “predominância de imagens”(LINDEN,2011. p.11), o livro-objeto se caracteriza por destacar a forma do livro em si, “ um produto estético que se realiza por meio de manipulação”(D’ANGELO, 2013. P; 36).

O diferencial entre um livro convencional e o livro-objeto é que este pode alterar o seu eixo narrativo de acordo com o suporte, com a linguagem poética e/ou visual. O livro-objeto não se propõe a ser apenas um instrumento de suporte de palavras ou imagens impressas, ele propicia associações singulares entre a obra e o leitor. A completude do livro como objeto compõe uma mensagem que não menospreza o leitor, mas sim, estimula-o, incita-o a coparticipar e a refletir a respeito da obra.(JUDAR, 2016. P. 20)

Já diferenciar o livro-objeto do livro de artista, é um pouco mais difícil. Alguns autores dizem que o livro-objeto seria um tipo de livro de artista, já que os dois trabalham a materialidade do livro e transcendem a forma do livro comumente encontrada aqui no ocidente(leitura da esquerda para a direita, manuseio linear, formato retangular).

As características originais do livro-objeto acentuaram o problema de sua definição e da do livro de artista, envolvendo bibliotecários e museólogos em uma renovada rodada de discussões com representantes do sistema das artes visuais. Aqui encontramos o inesperado ponto de indefinição de limites onde este trabalho tenta transitar. Ou seja, dentro do problema plástico que o uso com ou sem violação de um suporte tradicional suscita, existe um outro problema subjacente a ele que é a definição do que a coisa é. (SILVEIRA, 2018. P.31)

No entanto, podemos dizer que aquilo que os diferencia é a função: enquanto o livro de artista se propõe como obra de arte plástica e gráfica e passa a se constituir como uma espécie de “gênero” das artes visuais, o livro-objeto encontra-se no campo da literatura como um experimento interartes vinculado a um determinado projeto poético[...] (JUDAR, 2016. P. 22)

Pelo fato de propor uma maior interação tátil com o leitor, o livro-objeto condiciona-o a absorver melhor o conteúdo apresentado, pois um nível de interação maior exige mais atenção, além do que, a descoberta de como a interação com os diferentes tipos de livro-objeto funciona, é bem divertida.

6.2.1 Livro Desdobrável

O livro desdobrável é um tipo de livro-objeto, este flerta com o *folder*, já que ambos, como suporte gráfico, pressupõe a existência de dobras e um certo nível de interação com o papel, a diferença entre as duas mídias é que o livro desdobrável conta uma história, seja ela imagética, textual ou mista, já o *folder* é um material gráfico muito usado na publicidade, para promover um produto ou informar sobre um assunto¹⁸.

7. METODOLOGIA

7.1 Metodologia de pesquisa

Foi feita uma pesquisa bibliográfica e exploratória para situar a pesquisa de gênero no âmbito do Design e também para se ter uma melhor compreensão do tema estudado. Tais buscas se deram em repositórios universitários, no google acadêmico, em plataformas como Scielo, páginas de editoras, vídeos e artigos sobre

¹⁸ Ver definição de folder em <<https://www.significados.com.br/folder/> >

projetos de Design e que abordavam o universo das pessoas transgênero. As palavras-chave usadas foram: Design e gênero; Design agênero; Design e transgênero.

No geral, muitos dos estudos encontrados são teóricos, reflexivos em relação ao papel, a influência do Design nas questões de gênero(OLIVEIRA; MEDEIROS,2020) ou de análise de produtos pessoais(RODRIGUES, PORTINARI, 2016), de brinquedos(BEZERRA,2016), Design da Informação, emojis(kLAFKE; HANNS, 2018), sinalética, embalagens, tipografias e todos começam o questionamento pelo uso da linguagem visual em si, como ela é aplicada.

De projetos concretos, alguns poucos são nacionais - em sua maioria, os nacionais se limitam a pesquisas de graduação ou mestrado - em sua maioria, os projetos encontrados foram de designers internacionais, estadunidenses ou com conexões no país. Alguns exemplos são, a designer Chris Liljenberg Halstrøm e Faye Toogood, outros projetos foram encontrados no livro *“Extra Bold: a feminist, inclusive, anti-racist, nonbinary field guide for graphic designers”*, feito por Ellen Lupton em 2020 em parceria com outros 6 designers e artistas, no intuito mesmo de expor e discutir mais trabalhos que contestam a cisheteronormatividade, tanto no âmbito teórico, com explanação de teorias feministas, decoloniais e queer, quanto no âmbito prático, com a apresentação de projetos e exposições.

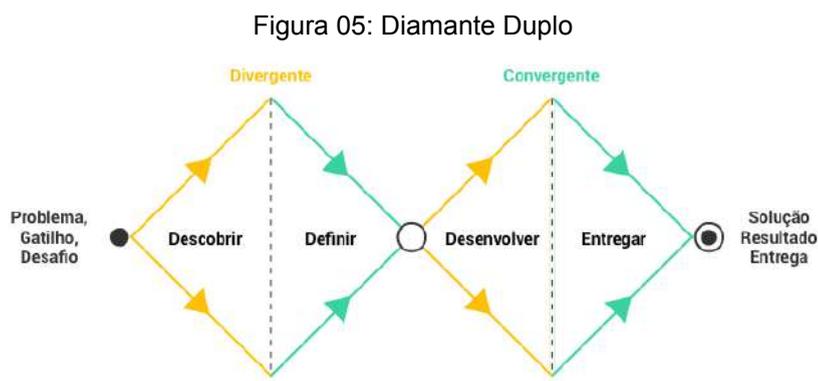
Na fase seguinte foram realizadas 4 entrevistas individuais¹⁹, as quais auxiliaram na escolha dos temas e elementos visuais a serem trabalhados no projeto.

As perguntas giram em torno de conhecer melhor a realidade da pessoa entrevistada: como gosta de ser percebida, as alegrias e dificuldades que enfrenta, o que está e o que não está relacionado ao gênero, quais suas referências imagéticas. As respostas obtidas foram analisadas e utilizadas como guia para a concretização do produto final. Com todo o cuidado de se entender as problemáticas observadas e como trabalhá-las na construção de um livro-objeto.

¹⁹ As entrevistas serão descritas no tópico Memorial Descritivo.

7.2 Pesquisa através do projeto

Com base na necessidade de se entender a vivência das pessoas transgênero antes de qualquer escolha projetual, a metodologia escolhida foi a do Duplo Diamante, criada em 2005 pelo *English Council*.



Fonte: Sebrae Minas, 2021²⁰

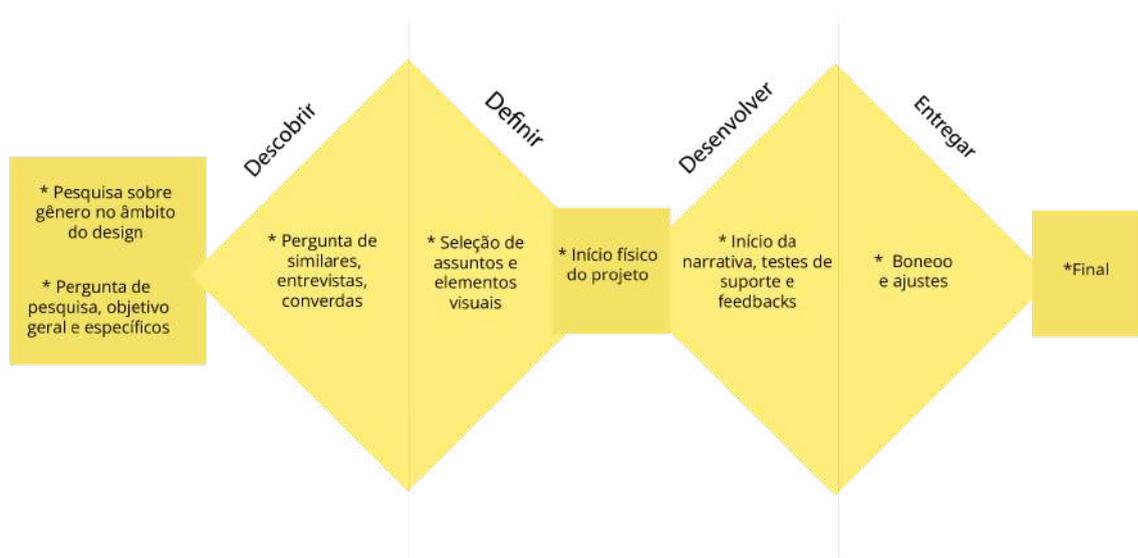
Essa metodologia tem 4 fases básicas:

01. **Descoberta:** É a fase de entender o problema, da coleta de dados, nessa fase foram realizadas as pesquisas bibliográficas e as entrevistas.
02. **Definição:** Fase de análise, hora de encontrar no que o projeto vai se focar, de acordo com as descobertas. Nessa fase as entrevistas foram analisadas
03. **Desenvolvimento:** Aqui se testa e aperfeiçoa as ideias geradas na fase de definição
04. **Entrega:** Fase de últimos ajustes e finalização do projeto

²⁰ Ver em

<<https://inovacaoosebreaeminas.com.br/metodologia-double-diamond-o-que-e-e-como-coloca-la-em-pratica/>>

Figura 06: Passo a passo projetual com metodologia



Fonte: Feita pela autora(2022)

Essa metodologia permite que se parta de um problema complexo e se chegue a um resultado mais focado, com a liberdade de se escolher envolver diferentes perspectivas além da do designer, durante parte do processo ou todo o processo, mas com um resultado final que visa o usuário.

Na fase de pesquisas bibliográficas, apesar de se ter entendido melhor a problemática e a área de interesse, o assunto continuava muito abrangente, as quatro etapas citadas acima, se alternam entre momentos de divergência e momentos de convergências, em que nos momentos divergentes, pesquisas são realizadas e soluções são propostas, nos momentos convergentes, pesquisas são selecionadas e soluções testadas. Essa alternância entre gerar e analisar propostas, induz com que a tomada de decisões seja em etapas, o que auxilia no projeto.

8. CRONOGRAMA

Figura 07: Cronograma

Mês 1	Mês 2	Mês 3	Mês 4	Mês 5	Mês 6	Mês 7	Mês 8
Definição do tema							
Pesquisa Bibliográfica				Revisitando o tema		Ajustes no documentos	
	Pergunta de Pesquisa e Objetivos				Questionário e Início de entrevistas		
		Metodologia			Análises das entrevistas	Definição de Narrativa e Linguagem visual	
			Qualificação			Testes e definição de suporte	
							Defesa

Fonte: Feita pela autora(2022)

9. ANÁLISE DE SIMILARES

Abaixo, serão apresentadas algumas obras nas quais diferentes aspectos do projeto foram inspirados. Em *“Menino, Menina”*, se destaca a temática abordada e como ela foi desenvolvida imagética e narrativamente. Em *“Arlequín”*, se destaca o formato simples e ainda assim diferente do livro, que brinca com esse relevar-se aos poucos, já na exposição *“Híbrida, Híbrida”*, se destaca o modo como formas conhecidas foram usadas para construir figuras diferentes.

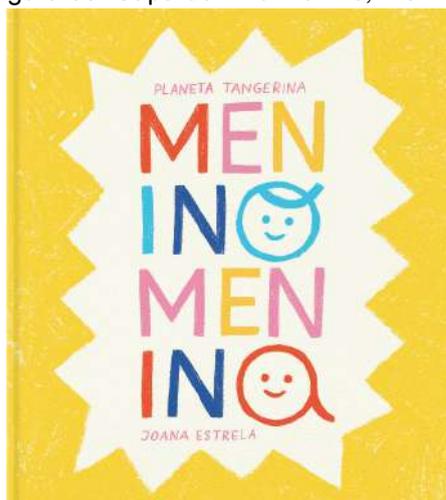
9.1 Menino, Menina

O livro ilustrado *Menino, Menina* aborda o tema de identidade de gênero de um jeito leve e divertido, sua atenção vai logo para as imagens, as palavras estão presentes, mas são poucas e servem de complemento. São em sua maioria pequenas afirmações ou perguntas que levam a mais questionamentos. As cores azul e rosa aparecem despretensiosamente durante o livro, estão ali, são destaque, mas são só mais cores em meio a tantas.

É um livro leve, cujo assunto aparece com uma abordagem bem despretensiosa e meiga.

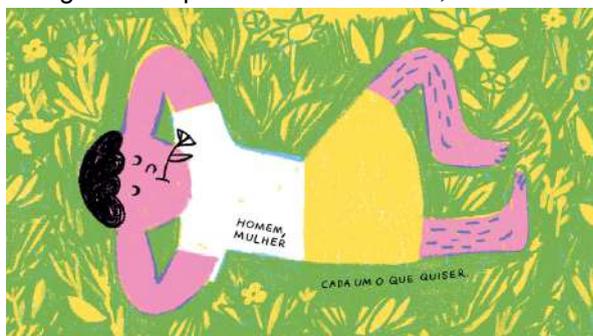
A combinação das cores alegres, da textura visual que lembra giz de cera, dos traços simples e arredondados, das ilustrações que mostram cenas do cotidiano ou de crianças em geral, sem ênfase no masculino e no feminino, junto com as frases curtas e questionadoras, gera um livro gostoso de se olhar e intrigante de se ler, que abre de forma leve a discussão.

Figura 08: Capa do livro *Menino, Menina*.



Fonte: Site da Editora Planeta Tangerina

Figura 09: Spread do livro *Menino, Menina*.



21

Fonte: Site da Editora Planeta Tangerina

9.2 Arlequin

Esse livro desdobrável, de Federico García Lorca e André da Loba, reconta um poema sobre o Arlequin, personagem do carnaval europeu de séculos. A princípio, parece um livro quadrado de capa dura comum, mas cada desdobrar incomum revela o poema aos poucos e também o corpo do personagem.

²¹ Disponível em: <<https://www.planetatangerina.com/pt-pt/loja/menino-menina/>> Acesso em: 03 ago, 2021

O interessante desse livro-objeto, é a interação que gera, com dobras simples, ao mesmo tempo que o revelar-se aos poucos, prende a atenção e cada verso se faz ser lido. Cada dobra, ao ser desdobrada, adiciona complexidade à narrativa.

Figura 10: Livro Arlequín



Fonte: Blog Picturebook makers²²

9.3 Híbrida, Híbrida

Efe Godoy é uma Artista Visual Transgênera, como o nome da exposição mesmo diz, ela explora o hibridismo, a estranheza, o desconforto que o diferente trás. O que chama a atenção é o jeito como ela trabalha as formas, combina partes do corpo estranhas no desenho em aquarela de um jeito tão único que a criatura parece ganhar vida. Os desenhos estão naquele limiar do reconhecível e do estranho, a linguagem visual é conhecida e alien ao mesmo tempo, simplesmente com combinações não-usuais.

²² Disponível em <<https://blog.picturebookmakers.com/post/138987247301/andr%C3%A9-da-loba>>

Figura 11:Aquarela(15x15cm) da exposição “Híbrida, Híbrida”, 2020.



Fonte: Site do Prêmio Pipa²³

10. DIRETRIZES PROJETUAIS

Para que o projeto se desenvolva foram elencadas algumas diretrizes a serem seguidas:

- 1) A escolha dos temas e como serão abordados na narrativa do livro, serão feitas a partir das análises de entrevistas com pessoas transgênero.
- 2) Como se dará o uso dos elementos visuais também será decidido com base nas análises das entrevistas.
- 3) O livro convidará o leitor, a refletir sobre as questões de gênero, desde sua construção visual, até sua narrativa.

11. MEMORIAL DESCRITIVO

Neste capítulo será discutido o processo feito para a construção do livro-objeto, de acordo com as diretrizes já apresentadas e com a metodologia explanada.

²³ Disponível em <<https://www.premiopipa.com/efe-godoy/>>

11.1 Entrevistas

Pela necessidade de se descobrir melhor as semelhanças e diferenças nas questões de pessoas transgênero, foram realizadas entrevistas individuais, com base em um questionário elaborado com 13 perguntas base, dividido em 3 blocos, o primeiro são perguntas básicas, para saber quem é o entrevistado.

Figura 12: Questionário Elaborado pela autora - Parte 1

Aquecimento [perguntas fechadas]	
questão 01	Como se chama?
questão 02	Qual seu gênero? Por qual pronome prefere ser tratado?
questão 03	Qual sua idade?
questão 04	Onde mora?
questão 05	Qual sua ocupação atual?

Fonte: Feito pela autora(2022)

O segundo bloco foi elaborado com o intuito de entender a vivência da pessoa entrevistada. Já o terceiro bloco tem perguntas mais direcionadas a questões visuais. A última pergunta deste bloco, pede que o entrevistado mande imagens que o representem.

Figura 13: Questionário Elaborado pela autora - Parte 2

bloco 02] "Agora vamos falar um pouco sobre como foi crescer e se sentir diferente do gênero que te deram e um pouco sobre a transição de gênero "	
questão 06	Você sempre se viu como [gênero que se identifica agora] ou isso só apareceu mais tarde?
questão 07	Quando iniciou a transição de gênero?
questão 08	O que mudou depois do início da transição, dentro de você e nas sua relação com a sociedade?
questão 09	Quais obstáculos você teve que enfrentar por ser trans?

Fonte: Feito pela autora(2022)

Especialmente o material gerado pelo bloco 3, foi usado na definição da futura linguagem visual do livro-objeto.

Figura 14: Questionário Elaborado pela autora - Parte 3

bloco 03 Agora quero falar um pouco sobre os padrões de gênero, como você os enxerga e si enxerga	
questão 10	Como você prefere ser vista(o), a partir de uma perspectiva binária do que é feminina e masculina ou mais alternativa?(Se mais alternativa, qual estética?)
questão 11	Quais cores e formas você acha que melhor traduz o gênero feminino e o gênero masculino - na perspectiva do senso comum (binária) ?
questão 12	Como (gênero tal) com quais cores e formas você se identifica?
questão 13	Quais objetos e alterações no seu corpo mais ajudaram a te tornar quem você queria ser? (Pode me enviar uma ou algumas imagens que você sente que responde essa pergunta?)
finalização	

Fonte: Feito pela autora(2022)

O objetivo era entrevistar de 5 a 6 pessoas transgênero, duas não-binárias, duas mulheres transgênero e dois homens transgênero, propositalmente de diferentes círculos sociais e regiões do país. Assim, aumentaria a chance de, ao se analisarem as respostas, os assuntos em comum encontrados serem decorrentes do

fato de os entrevistados serem pessoas transgênero. Participantes com vivências bem diferentes, tornaram mais fácil entender onde está as diferenças e similaridades entre essas pessoas.

11.2 Análise das Entrevistas

No fim, 4 entrevistas foram realizadas, destas, 3 foram gravadas e 1 ocorreu por mensagem de texto, 2 entrevistados sendo do estado de São Paulo, 1 da cidade de Porto Alegre e 1 de Fortaleza, com idades entre 20 e 36 anos. Todos foram recrutados por indicações de pessoas conhecidas.

Embora o objetivo inicial de 6 entrevistados não tenha sido alcançado, com essas 4 conversas, já se consegue perceber os assuntos em comum decorrentes de todos serem transgênero e os assuntos à parte, relacionados às vivências pessoais. Embora possam estar sob o guarda-chuva da palavra transgênero, percebe-se que a relação de cada um com sua transgeneridade é única.

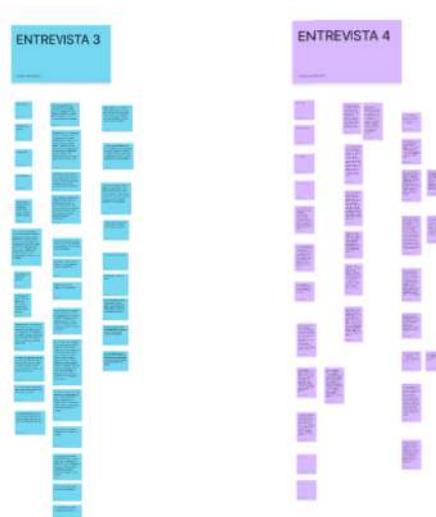
Com as entrevistas transcritas, trechos de cada uma foram destacados e agrupados por afinidade em post-its.

Figura 15: Post-its das entrevistas 1 e 2



Fonte: Feita pela autora(2022)

Figura 16: Post-its das entrevistas 3 e 4



Fonte: Feita pela autora(2022)

Figura 17: Temáticas geradas no agrupamento de afinidades



Fonte: Feita pela autora(2022)

A partir daí percebeu-se alguns assuntos em comum aos 4 entrevistados e dessa percepção desdobrou-se uma nuvem de palavras. Essa filtragem foi feita, para que a possibilidade de temáticas abordadas no livro-objeto fosse cada vez mais afinada, até chegar nas escolhas ilustrativas e narrativas finais.

O agrupamento de assuntos em comum, tornou mais fácil a visualização de problemáticas que englobam os 3 gêneros entrevistados, independente de idade ou localidade.

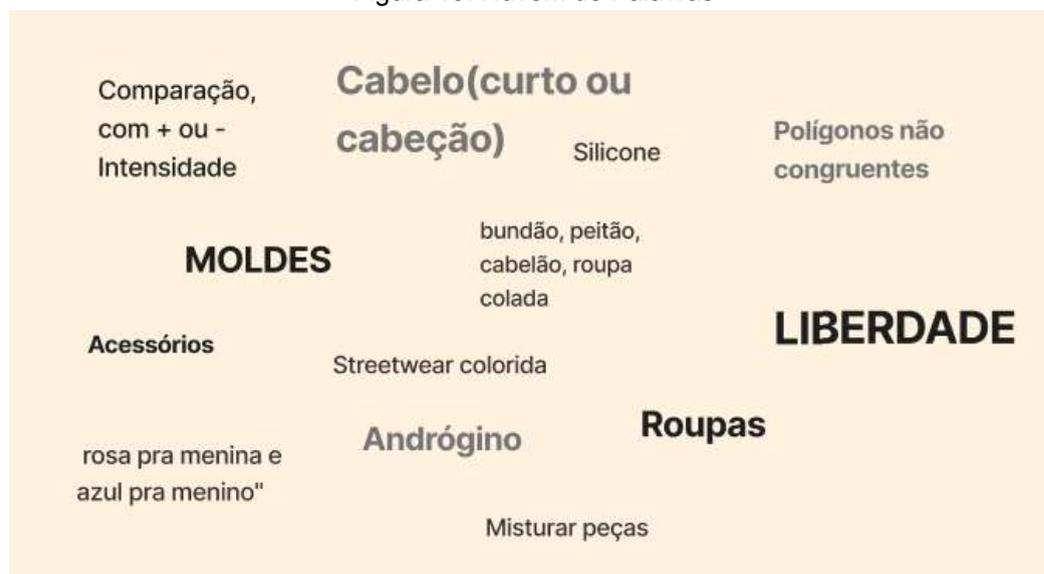
Já a nuvem de palavras, simplificou mais ainda a visualização de assuntos que se repetiam abordados nas entrevistas como um todo, independente de figurarem assuntos em comum entre os 3 gêneros.

Figura 18: Assuntos em comum entre entrevistados



Fonte: Feita pela autora(2022)

Figura 19: Nuvem de Palavras



Fonte: Feita pela autora(2022)

11.3 Relacionando Conceitos

A partir do agrupamento de assuntos em comum e da nuvem de palavras, foram gerados conceitos que se relacionam com ilustração, narrativa e com o Design, que depois, foram relacionados com direcionamentos práticos, ainda se pensando em um personagem humanoide.

Figura 20: Conceitos x Direcionamentos

Conceitos	Direcionamentos Práticos
Divergência (você x outros)	Personagem se diferencia dos demais por características formais e de cor
Desconforto (você x outros)	Expressão corporal, curvada, retraída
Confortável (você x você)	Expressão corporal + Extrapolar gramática da forma, Andrógino
Metamorfose (Sentimento interno e atitude externa)	Personagem ao longo da narrativa

Fonte: Feita pela autora(2022)

Isso permitiu que, o que estava em texto, começasse a ser pensado em imagens, a partir daí, estilos de ilustrações começaram a ser considerados e uma narrativa começou a ser formulada. Também ficou mais fácil relacionar com o Design.

Nota-se uma tensão entre se sentir livre e seguir os moldes. Considerando que o Design, como criador de identidades, cria moldes a serem seguidos, foi decidido que a Identidade Visual partiria da construção de uma gramática da forma, esta posteriormente seria desconstruída, brincando com o conceito de metamorfose.

Mas se descartou, especificamente, a utilização de um personagem humanóide, já que, ao se trabalhar com formas geométricas básicas, ainda pode-se criar uma narrativa visual rica, ao mesmo tempo que fica mais fácil o estabelecimento de regras para a gramática da forma e evita uma narrativa centrada demais em um personagem só, a ponto de parecer que se está falando *pela* e não *com* a comunidade trans.

11.4 Gramática da Forma

A gramática da forma²⁴ é um recurso derivado da programação, em que se estabelecem regras para a utilização de certos parâmetros na construção de algum artefato, no caso, da ilustração. Foram estabelecidas regras básicas para o uso de algumas formas geométricas básicas (círculo, quadrado e retas).

Para a construção da gramática da forma, as imagens fornecidas na última pergunta da entrevista foram abstraídas em formas geométricas mais simples, posteriormente, o mesmo foi feito ao observar as respostas sobre padrões femininos e padrões masculino na análise das entrevistas²⁵. As respostas serviram para a

²⁴ “Segundo CELANI (2006), ela pode ser constituída por: vocabulário de formas, regras de composição e uma forma inicial para dar início à aplicação da gramática. Ela lida com transformações euclidianas e suas principais operações são a translação, rotação, espelhamento e roto-translação. Além disso, ela pode ser ao mesmo tempo generativa e descritiva, pois as regras da gramática podem tanto gerar formas, como as próprias regras podem ser descrições de formas já existentes.”(NOBRE, ALENCAR, MACHADO, 2014. P.413, *apud* CELANI, 2006)

²⁵ Ver análise completa em

<<https://www.figma.com/file/52qDIKsB6x930nvtU4VMU8/ENTREVISTAS--TCC?node-id=0%3A1&t=pB F7cvyRv5lsPpAo-1>>

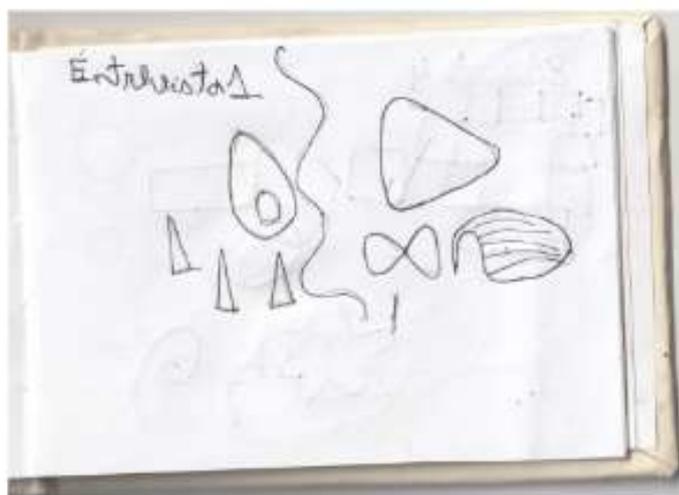
elaboração da gramática. As formas abstraídas serão utilizadas nos momentos em que a ilustração não estiver seguindo a gramática.

Figura 21: Mural da Entrevista 1²⁶



Fonte: Feita pela autora(2022)

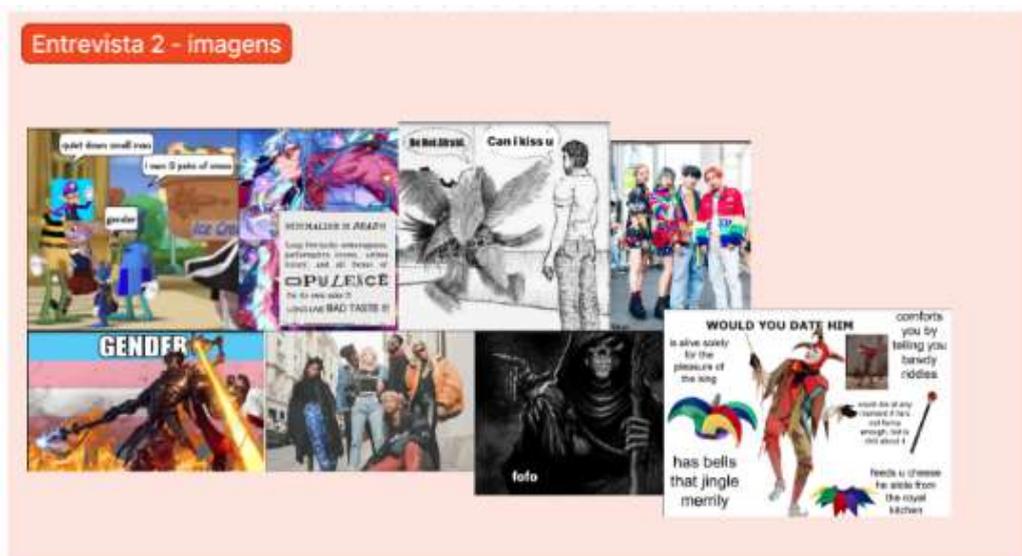
Figura 22: Abstrações da Entrevista 1



Fonte: Feita pela autora(2022)

²⁶ Mural feito a partir de imagens enviadas pelo entrevistado, mais detalhes no Apêndice B

Figura 23: Mural da Entrevista 2²⁷



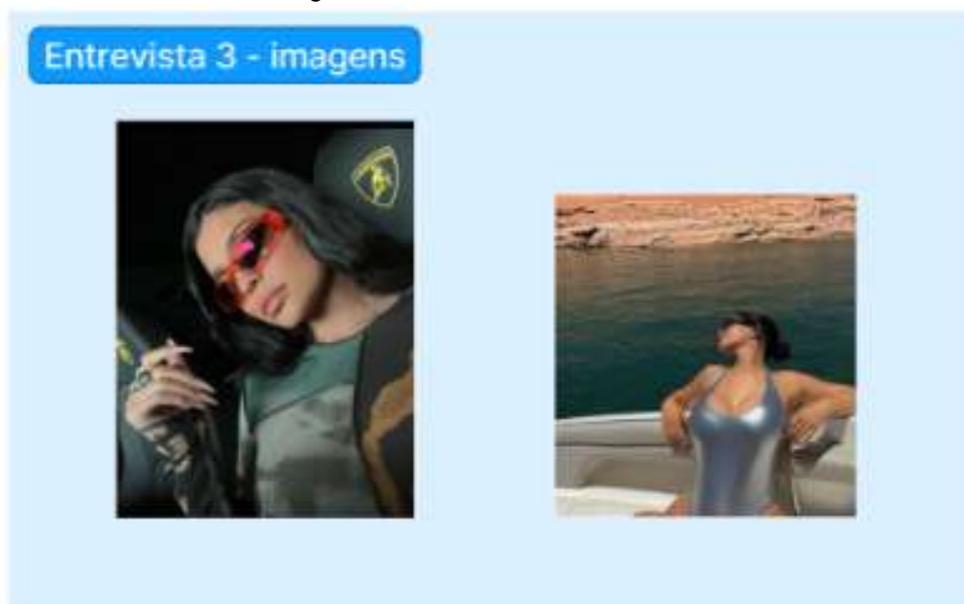
Fonte: Feita pela autora(2022)

Figura 24: Abstrações da Entrevista 2



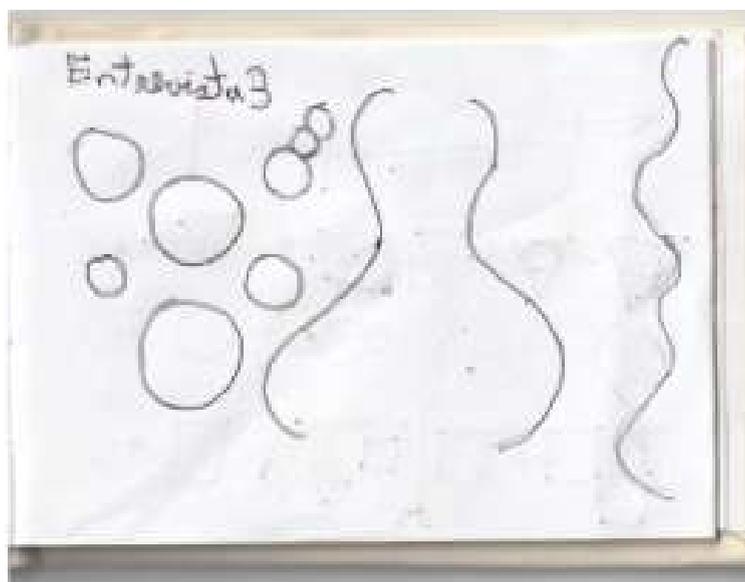
Fonte: Feita pela autora(2022)

²⁷ Mural de memes feito a partir de imagens enviadas pelo entrevistado, mais detalhes no Apêndice B

Figura 25: Mural da Entrevista 3²⁸

Fonte: Feita pela autora(2022)

Figura 26: Abstrações da Entrevista 3



Fonte: Feita pela autora(2022)

²⁸ Mural feito a partir de imagens enviadas pelo entrevistado, , mais detalhes no Apêndice B

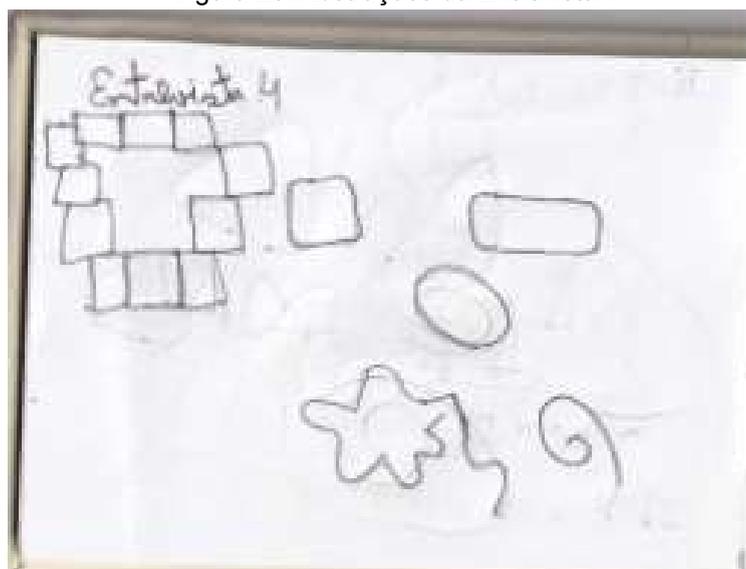
Figura 27: Mural da Entrevista 4²⁹

Entrevista 4- imagens



Fonte: Feita pela autora(2022)

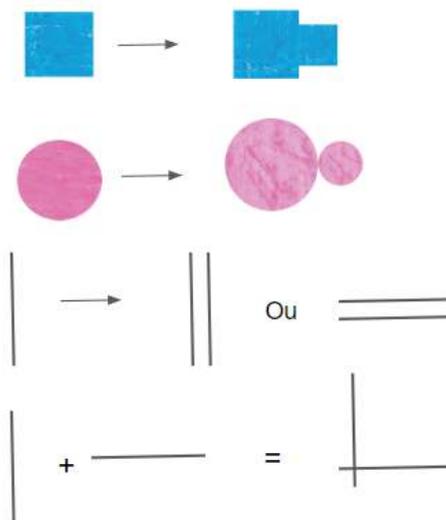
Figura 28: Abstrações da Entrevista 4



Fonte: Feita pela autora(2022)

²⁹ Mural feito a partir de imagens enviadas pelo entrevistado, mais detalhes no Apêndice B

Figura 29: Gramática da Forma



Fonte: Feita pela autora(2022)

É perceptível que ainda é muito presente o imaginário de que rosa é para menina e azul é para menino, assim como o de que formas curvas são femininas e formas mais retas são masculinas, por isso, a gramática foi feita como mostrada acima, ela representa os moldes impostos, o que todos devem seguir, aos poucos, ela deixa de ser usada e suas regras são extrapoladas, não mais existindo.

11.5 Cores, texturas e Tipografia

Para a gramática da forma, se usará rosa e azul, para as demais formas que não estarão necessariamente submetidas a gramática, as cores variam, mas continuarão suaves, já que as ilustrações serão feitas com uma mistura de lápis de cor, pastel a óleo, aquarela e colagem digital. As diferentes texturas provocam diferentes sensações visuais.

Já a tipografia escolhida, foi a Segoe Print regular, ela já faz parte do catálogo de fontes da Microsoft, por isso uma fonte de fácil acesso. É serifada e manual, ao mesmo tempo que é arredondada e legível, tem algumas tensões perceptíveis na sua tipografia.

Figura 30: Segoe Print tipografia

Aa Bb Cc Dd Ee Ff Gg
Hh Ii Jj Kk Ll Mm Nn
Oo Pp Qq Rr Ss Tt Uu
Vv Ww Xx Yy Zz
1234567890
!@#%&*? ,;: \$£€

Fonte: Site da Microsoft³⁰

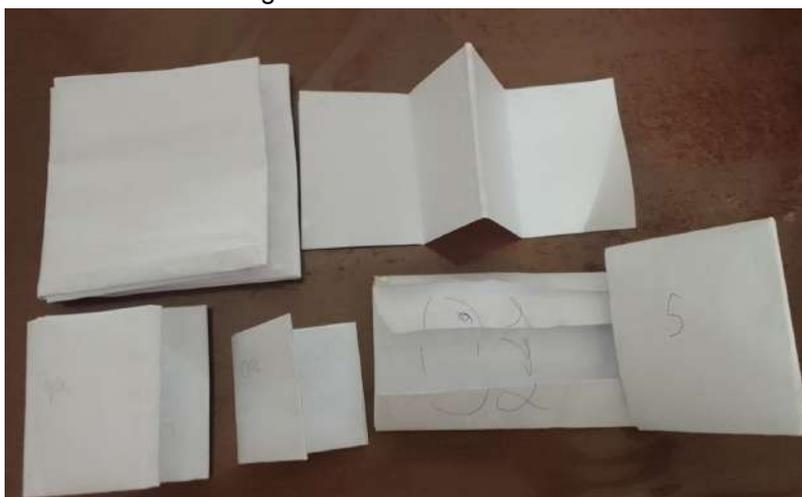
11.6 Escolha do Formato

Trabalhar com um formato não tradicional de livro, foi uma escolha provocada pela orientadora, ao questionar se o formato precisava mesmo ser linear só porque o resultado gráfico seria algum tipo de livro.

Ao pesquisar mais sobre diferentes formatos de livro, o livro desdobrável chamou a atenção. Pode ter tanto uma construção simples quanto complexa e, independente disso, o simples formato diferente de se apresentar uma história faz o leitor prestar um pouco mais de atenção.

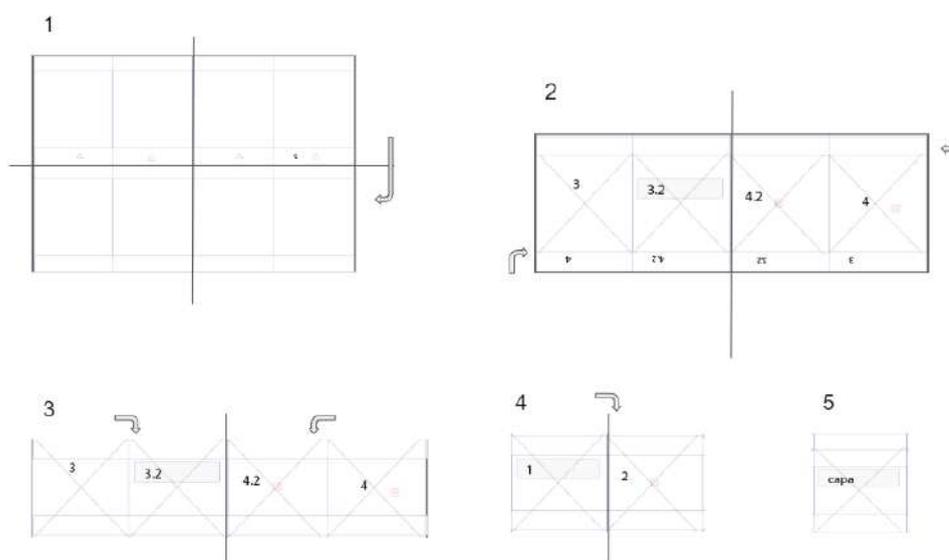
³⁰ Imagem encontrada em <<https://learn.microsoft.com/en-us/typography/font-list/segoe-print>>

Figura 31: Testes de formato



Fonte: Feita pela autora(2022)

O formato final tem em de torno de 6 dobras, a escolha do tipo de dobradura e do tamanho do papel, se deu tanto pela ideia de que se pode fazer um livro inteiro com 1 folha apenas, quanto o nível de interação manual que o formato A2 dobrado e desdobrado proporciona.

Figura 32: Como dobrar o livro³¹

Fonte: Feita pela autora(2022)

Foram feitos testes para a escolha da dobradura, a posição das ilustrações e a gramatura do papel. Com o tipo de dobradura escolhida, a narrativa vai se revelando aos poucos, especialmente em camadas, como está. Foi observado que um papel muito grosso, dificulta um resultado satisfatório, um papel sulfite normal, de 75 g/m², possibilita uma boa dobradura final, mas testes mostraram que um resultado satisfatório acontece até com um papel de 115 g/m² e uma dobradura ideal, acontece com um papel de 90 g/m².

11.7 Narrativa

Como o formato, a narrativa é simples, direta e provocadora, feita para fazer o leitor pensar. Inicialmente, foi pensada uma história mais elaborada, com personagens, mas ao focar numa narrativa mais simples e que levanta questionamentos na mente do leitor, por isso provocadora, afastava o problema de talvez roubar o lugar de fala de alguém, então, assim como o formato, a narrativa foi simplificada. Com a dobradura, uma camada de interpretação é adicionada a cada dobra do livro-objeto.

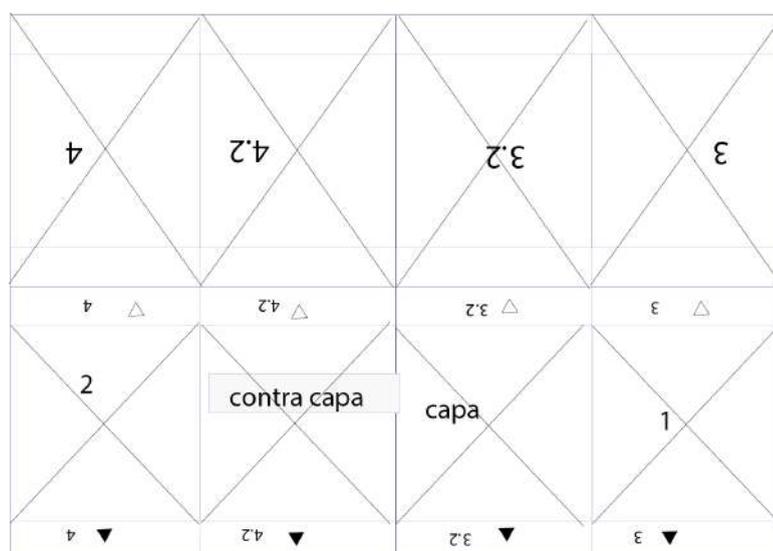
³¹ 1 - Dobre a folha ao meio, para marcar e dobre definitivamente ao meio na horizontal; 2 - sobre 3 cm de cada borda do retângulo para dentro; 3 - sobre as pontas do retângulo para dentro, em direção ao meio, em uma dobra janela; 4 - sobre o papel ao meio, fechando o livro; 5 - o livro está dobrado.

Cada página se abre com uma frase ou uma palavra, que se complementam a cada dobradura desfeita. cria-se uma brincadeira com a narrativa que, dependendo da dobra aberta, a frase pode mudar, mas todas as frases contribuem para a narrativa.

11.8 Montagem

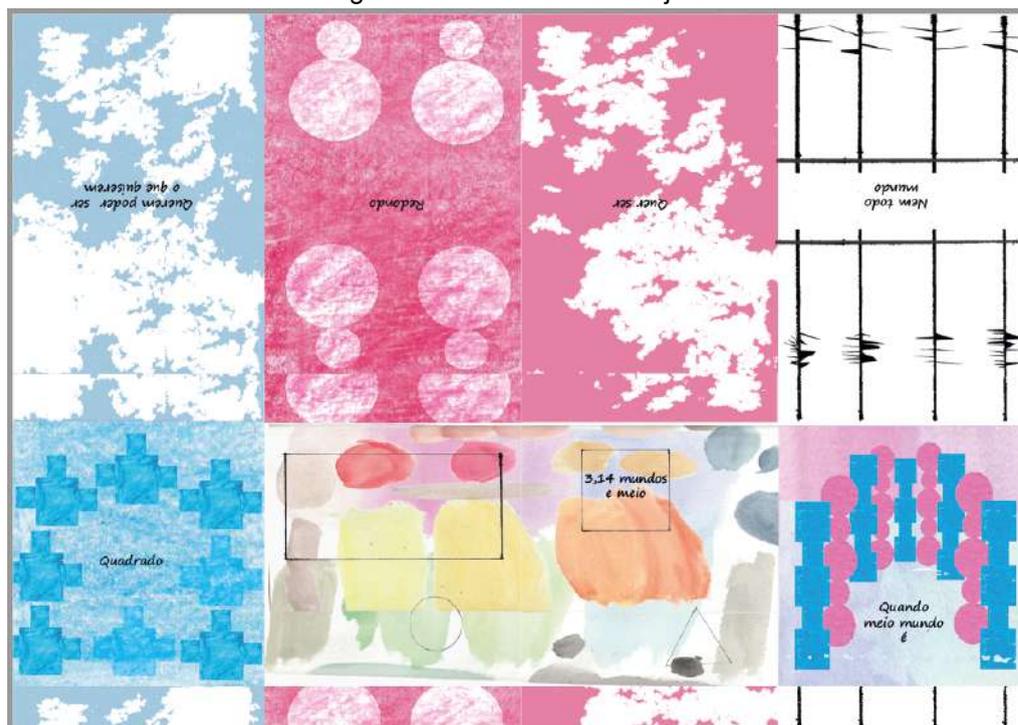
Foram feitos testes de impressão para ajustes da ilustração e posição das dobraduras, em 1 verso, a gramática da forma foi trabalhada e foram usados muitos quadrados, círculos e as cores azul e rosa, no verso que aparece ao se desdobrar o papel por inteiro, a gramática da forma desaparece e várias outras cores são utilizadas, pois a narrativa já chega a um ponto em que as questões são abertamente jogadas para o leitor, assim, a gramática da forma também é questionada e consequentemente ignorada.

Figura 33: Gride do livro-objeto



Fonte: Feita pela autora(2022)

Figura 34: Frente do livro-objeto



Fonte: Feita pela autora(2022)

12. LIVRO

Figura 35: Capa



Fonte: Feita pela autora(2022)

Figura 36: Abertura 1



Fonte: Feita pela autora(2022)

Figura 37: Aberturas 2 e 3



Fonte: Feita pela autora(2022)

Figura 38: Aberturas 4 e 5



Fonte: Feita pela autora(2022)

Figura 39: Abertura 6 e interior da folha



Fonte: Feita pela autora(2022)

Figura 40: Contracapa



Fonte: Feita pela autora(2022)

13. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre seus altos e baixos, entre 2019, o primeiro semestre cursado de ATCD1, 2021, a qualificação e agora, 2022, a conclusão, o presente projeto pôde ser concluído, ainda abordando a temática proposta desde os primeiros meses.

A fundamentação teórica ajudou a delimitar e embasar o campo de estudo, mesmo que, após ela, o campo de pesquisa ainda estivesse muito amplo.

Através das pesquisas bibliográficas e entrevistas, pôde-se perceber que a influência das imagens é quase ignorada no cotidiano, mas está ali e fica escancarada quando se para algum tempo para analisar as entrevistas feitas. Nota-se como certos conceitos imagéticos estão fixos no imaginário das pessoas. Foram apenas 4 entrevistados, mas pelas respostas parecidas dadas no bloco 3 do questionário, fica evidente que já há uma imagem comum do que seria considerado feminino e masculino.

No caso do Design, uma profissão que lida com imagens, símbolos e ícones o tempo inteiro, apesar de não ser o único fator que cria a percepção geral de gênero, os imaginários que são colocados para o mundo através dos projetos de Design, influenciam sim na percepção de gênero das pessoas. O Design pode não ter feito o gênero, pois este um conceito que vem sendo elaborado ao longo de anos, mas influencia em como os conceitos de gênero são propagados.

A metodologia empregada foi satisfatória, fez com que o fluxo da pesquisa ficasse mais claro, cada etapa bem delimitada e assim, o rumo da pesquisa foi relativamente bem definido.

Quanto a materialização do projeto, esta poderia ter sido feita em um tempo maior, com mais tempo para testes, mas, embora o livro-objeto tenha sido um resultado simples, espero que o produto em si, instigue o leitor a pensar fora das “caixinhas binárias”.

Que essa pesquisa, consiga instigar mais pessoas a repensarem sua relação com o projetar, ao perceber a influência que temos nas mãos ao fazer projeto. Mesmo que uma pesquisa não chegue a mudar o jeito de pensar da maioria, a sementinha está plantada.

14 REFERÊNCIAS

AHMED, Sara. JUDITH BUTLER: 'BOA PARTE DE TEORIA QUEER FOI DIRIGIDA CONTRA O POLICIAMENTO DA IDENTIDADE' *comciencia*, 10 fev. 2017. Disponível em: <https://www.comciencia.br/entrevista-com-judith-butler/> Acesso em: 3 de Julho de 2020

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BEZERRA, Marcela, **ALGUMAS DIRETRIZES SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO EM PRODUTOS INFANTIS: O USO DA LINGUAGEM GRÁFICA**, 12º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, Blucher Design Proceedings, Volume 2, 2016, Pages 4805-4815

SILVA, M. A. da et al. **Trabalho e saúde na população transexual: Fatores associados à inserção no mercado de trabalho no estado de São Paulo, Brasil**. *Ciência e Saúde Coletiva*. v 25, n.5, p.1723-34,8 mai.2020

BUCHMÜLLER, Sandra. **How to Design in a Social Responsible and Gender Sensitive Way?** Palestra proferida no KISDTalks, Köln International School of Design, Köln, 2016. Disponível em: <https://kisd.de/en/termine/how-to-design-in-a-social-responsible-and-gender-sensitive-way/> Acesso em: 06 agosto 2020.

Butler, Judith P. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**/Judith Butler; tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

_____ **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia** / Judith Butler; tradução Fernanda Siqueira Miguens; revisão técnica Carla Rodrigues.— 1º ed. — Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CHAVES, Norberto. A Função Social do Design: realidades e utopias, por Norberto Chaves. *tarciziosilva*, 06 fev. 2008, Disponível em: <https://tarciziosilva.com.br/blog/a-funcao-social-do-design-realidades-e-utopias/> Acesso em: 1 de Julho de 2020

DA SILVA, Maria Aparecida *et al.* **Trabalho e saúde na população transexual: fatores associados à inserção no mercado de trabalho no estado de São Paulo, Brasil**. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, ano 2020, v. 25, ed. 5, p. 1723-1733, 8 maio 2020.

DE SOUZA, F. L., & ZAMPERETTI, M. P. (2017). **Arte, gênero e cultura visual – um olhar para as artistas mulheres**. *Momento - Diálogos Em Educação*, 26(2), 248–264. <https://doi.org/10.14295/momento.v26i2.7291>

DONDIS, Donis **A. Sintaxe da linguagem visual**. 2ª ed. Martins Fontes, São Paulo, 2003.

D'ANGELO, Biagio. **Entre materialidade e imaginário**: Atualidade do livro-objeto. IPOTESI. Juiz de Fora, v.17, n.2, p. 33-44, jul./dez. 2013

FIALHO, Kaio Costa Barbosa. **Tá tudo bem ser**: materiais gráficos de empoderamento LGBTI para pessoas em processo de aceitação. Orientador: Carol Calomeno. 2017. 128 p. Conclusão de curso (Graduação) - Graduado, Curitiba, 2017. Disponível em: <https://issuu.com/kaiofialho/docs/ta-tudo-bem-ser-kaio-fialho-tcc>. Acesso em: 16 jun. 2022

FRASCARA, Jorge. **Diseño gráfico para la gente**. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Infinito, 2015

JORENTE, Maria José Vicentini, APOCALYPSE, Simão Marcos, **Contribuições do Design da informação para a visibilidade de conteúdos que perpassem a temática LGBT, diversidade de gênero e sexualidade convergidos em Repositórios Digitais**, 9º Congresso Internacional de Design da Informação, Blucher Design Proceedings, Volume 6, 2019, Pages 1560-1572

JUDAR, T. V. **O livro-objeto PAU BRASIL**. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) –Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, p. 118. 2016.

KLAFKE, Raquel FormA, HANNS, Daniela Kutschat, **Não é só um emoji**: A representação visual de gênero em signos de mensagens instantâneas entre 2006 e 2016, 2º Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Design da FAUUSP, Blucher Design Proceedings, Volume 6, 2019, Pages 9-9

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa**: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. Orientadora: Miriam Adelman. 2014. 342 p. Dissertação(tese) - Doutora. Curitiba, 2014

LINDEN, Sophie Van Der. **Para ler o livro ilustrado**. Tradução: Dorothée de Bruchard. São Paulo. Cosacnaify. 2011

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ Uma perspectiva pós-estruturalista / : Vozes, 1997.

_____, Guaraci Lopes. **Teoria queer**: uma política pós-identitária para a educação. Rev. **Estud. Fem.**, Santa Catarina, ano 2001, v. 9, ed. 2, p. 541-553, 1 jan. 2001.

Louro, Guacira L. **Um corpo estranho - Ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Disponível em: Minha Biblioteca, (2ª edição). Grupo Autêntica, 2007.

LUPTON, Ellen *et al.* **Extra Bold: a feminist, inclusive, anti-racist, nonbinary field guide for graphic designers.** 1. ed. Nova York: Princeton Architectural Press, 2020. 220 p. v. 1. ISBN 978-1-61689-918-9.

MARGOLIN, Sylvia; MARGOLIN, Victor. **A “Social Model” of Design: Issues of Practice and Research.** Massachusetts Institute of Technology Design Issues, Vol. 18, nº 4, 2002

MEAD, Margareth. **Sexo e Temperamento.** 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000. 303 p. v. 1.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças. (Coleção Cadernos da Diversidade).**Belo Horizonte : Grupo Autêntica, 2012. E-book. ISBN 9788582179338. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582179338/>. Acesso em: 06 dez. 2022.

MOREIRA, E. A. DA S.; MARCOS, C. M. **Breve percurso histórico acerca da transexualidade.** Psicol. rev. (Belo Horizonte), p. 593–609, 2019.

MOURA, Mário. **O design que o design não vê .**1ª ed.Lisboa : Orfeu Negro, 2018

MUNARI, Bruno. **Design e comunicação visual:** contribuição para uma metodologia didática. Martins Fontes, São Paulo,1997

_____, Bruno. **Das coisas nascem as coisas,** Martins Fontes, São Paulo, 1998

NASCIMENTO, Leticia Carolina Pereira do. **Transfeminismo** – São Paulo: Jandaíra, 2021. 1 Mb. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro) ISBN: 978-65-87113-46-3

Nobre, André Ximenes Moreira; Machado, Lara Maria de Araújo; Alencar, Matheus Henrique do Vale; "A abordagem sistêmica do processo generativo da forma aplicada ao projeto em Design", p. 413-417 . In: **Proceedings of the XVIII Conference of the Iberoamerican Society of Digital Graphics: Design in Freedom [=Blucher Design Proceedings, v.1, n.8].** São Paulo: Blucher, 2014. ISSN 2318-6968, DOI 10.5151/despro-sigradi2014-0083

OLIVEIRA, Mariana Nobre de, MEDEIROS,Wellington Gomes de, **Design e Dissidência Queer:** considerações sobre questões de gênero no design, Colóquio Internacional de Design 2020, Blucher Design Proceedings, Volume 8, 2020, Pages 528-539

PATER,Ruben;título original: **The Politics of Design;**traduzido por Antônio Xerxesky.São Paulo: Ubu Editora, 2020

PAZMINO, Ana V. **Uma reflexão sobre Design Social, Eco Design e Design Sustentável**. 1º Simpósio Brasileiro de Design Sustentável, Curitiba, 2007. Disponível em: <PAZMINO2007-DSocial-EcoD-e-DSustentavel.pdf (nexodesign.com.br)>. Acesso em: 12 ago. 2021

ROCHA, C. A. Ilustração crítica e narrativas subversivas no design gráfico social. **Revista de Ensino em Artes, Moda e Design**, Florianópolis, v. 4, n. 3, p. 154 - 171, 2020. DOI: 10.5965/25944630432020175. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/ensinarmode/article/view/18150>. Acesso em: 17 ago. 2021.

RODRIGUES, Talita Meier Marques Rodrigues, PORTINARI, Denise Berruezo, **GÊNERO NO DESIGN: A REPRODUÇÃO DOS IDEAIS DE MASCULINIDADE E FEMINILIDADE**, 12º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, Blucher Design Proceedings, Volume 2, 2016, Pages 814-823, ISSN 2318-6968

SCOTT, Joan. “Gênero, uma categoria útil de análise histórica”. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVEIRA, P. **A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista** [online]. 2nd ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008, 319 p. ISBN 978-85-386-0390-0.

Apêndice A - Questionário

Introdução	
<p>Olá, meu nome é Letícia, eu estou fazendo essa entrevista para o meu TCC, do curso de Design da UFC.</p> <p>Me incomoda como a sociedade perpetua os estereótipos de gênero, o design, como profissão que comunica, muitas vezes reproduz esses estereótipos, a gente é ensinado a fazer os projetos de um jeito e reproduz no automático. Estou pesquisando como questionar, quebrar isso através da linguagem visual(formas, cores).</p> <p>Quero conversar com você para saber mais da sua vivência e percepção de mundo. Não se trata de um teste, será uma conversa, então pode ficar à vontade e responder com calma e com detalhes. Não há respostas certas ou erradas, quero entender sua vivência como pessoa trans.</p> <p>Eu gostaria de gravar nossa conversa porque ainda que faça anotações, as gravações auxiliam depois. Você me permite realizar a gravação desta entrevista? Só quem terá acesso a elas serão eu e minha orientadora, Claudia Marinho, caso a entrevista vá para os apêndices do TCC, usarei nomes falsos ao invés dos seus verdadeiros.</p> <p>Também, como após a conversa posso ter dúvidas sobre detalhes do que conversamos, posso pedir mais explicações depois.</p> <p>Alguma dúvida sobre algo? Podemos começar?</p>	
Aquecimento [perguntas fechadas]	
questão 01	Como se chama?
questão 02	Qual seu gênero? Por qual pronome prefere ser tratado?
questão 03	Qual sua idade?
questão 04	Onde mora?
questão 05	Qual sua ocupação atual?
bloco 01	
<p>"Agora vamos falar um pouco sobre como foi crescer e se sentir diferente do gênero que te deram e um pouco sobre a transição de gênero "</p>	

questão 06	Você sempre se viu como [gênero que se identifica agora] ou isso só apareceu mais tarde?
questão 07	Quando iniciou a transição de gênero?
questão 08	O que mudou depois do início da transição, dentro de você e nas sua relação com a sociedade?
questão 09	Quais obstáculos você teve que enfrentar por ser trans?
bloco 03 Agora quero falar um pouco sobre os padrões de gênero, como você os enxerga e si enxerga	
questão 10	Como você prefere ser vista(o), a partir de uma perspectiva binária do que é feminina e masculina ou mais alternativa?(Se mais alternativa, qual estética?)
questão 11	Quais cores e formas você acha que melhor traduz o gênero feminino e o gênero masculino - na perspectiva do senso comum (binária) ?
questão 12	Como (gênero tal) com quais cores e formas vc se identifica?
questão 13	Quais objetos e alterações no seu corpo mais ajudaram a te tornar quem você queria ser? (Pode me enviar uma ou algumas imagens que você sente que responde essa pergunta?)
finalização para indicar a finalização da entrevista, pergunte ao entrevistado se ele gostaria de acrescentar mais alguma informação que julgue importante. Então, agradeça e encerre a gravação.	

Apêndice B - Entrevistas

Introdução	
<p>Olá, meu nome é Letícia, eu estou fazendo essa entrevista para o meu TCC, do curso de Design da UFC.</p> <p>Me incomoda como a sociedade perpetua os estereótipos de gênero, o design, como profissão que comunica, muitas vezes reproduz esses estereótipos, a gente é ensinado a fazer os projetos de um jeito e reproduz no automático. Estou pesquisando como questionar, quebrar isso através da linguagem visual(formas, cores).</p> <p>Quero conversar com você para saber mais da sua vivência e percepção de mundo. Não se trata de um teste, será uma conversa, então pode ficar à vontade e responder com calma e com detalhes. Não há respostas certas ou erradas, queremos entender sua vivência como pessoa trans.</p> <p>Eu gostaria de gravar nossa conversa porque ainda que faça anotações, as gravações auxiliam depois. Você nos permite realizar a gravação desta entrevista? Só quem terá acesso a elas serão eu e minha orientadora, Claudia Marinho, caso a entrevista vá para os anexos do TCC, usarei nomes falsos ao invés dos seus verdadeiros.</p> <p>Também, como após a conversa podemos ter dúvidas sobre detalhes do que conversamos, posso pedir mais explicações depois.</p> <p>Alguma dúvida sobre algo? Podemos começar?</p>	
Aquecimento [perguntas fechadas]	
questão 01	<p>Como se chama? Nobu</p>
questão 02	<p>Qual seu gênero?</p> <p>Eu sou uma pessoa não-binária, eu não me identifico nem como homem nem como mulher, nem totalmente como um nem como o outro, mais especificamente eu sou Agênero. Eu sou uma pessoa que literalmente não se encaixa em nenhum dos dois, é como se eu não tivesse um gênero. Algo assim.</p> <p>Por qual pronome prefere ser tratado? Elu/delu e Ele/dele</p>

questão 03	<p>Qual sua idade?</p> <p>22 anos</p>
questão 04	<p>Onde mora?</p> <p>Presidente Venceslau - São Paulo</p>
questão 05	<p>Qual sua ocupação atual?</p> <p>Freelancer(Design e Ilustração) e Streamer</p>
<p>bloco 01</p> <p>"Agora vamos falar um pouco sobre como foi crescer e se sentir diferente do gênero que te deram e um pouco sobre a transição de gênero "</p>	
questão 06	<p>Você sempre se viu como agênero ou isso só apareceu mais tarde?</p> <p>Eu vou entrar um pouquinho em detalhe porque eu gosto muito dessa pergunta porque em relação a sexualidade eu sempre soube que eu era diferente de todo mundo, mas na época eu era uma menina cis, então, pra mim eu era bi, gostava de homem e de mulher, mas em um momento ali nos meus 13, 14 anos, foi um momento muito específico que eu me olhei no espelho ali depois do banho e pensei: “Porra, eu não me identifico como uma garota, eu to longe de me identificar com isso”. Que foi justamente o momento que eu tive mais contato com essas questões, tanto do feminismo, quanto LGBT. Quando eu fui buscar mais a fundo isso eu fui vendo que “nossa, existem outras pessoas como eu!”, que são pessoas que nasceram de um jeito e se identificam dessa maneira.</p> <p>Então, pra mim, o gênero foi algo que veio depois, mas foi assim um momento de realização, com intensidade.</p> <p>Mas assim, refletindo sobre isso, antes de tu entrar em contato com o feminismo, com as questões de gênero, com essas coisas, já tinha alguma coisa que tu falava: “tem alguma coisa errada”, ou foi só mesmo a partir da puberdade?</p>

	<p>Foi a partir da puberdade, porque... Assim, desde que eu era criança, eu sempre fui aquela criança que questionava: Por que isso aqui é de menino? Por que isso aqui é de menina? Por que eu não posso dar uma festa com temática de futebol? Mas nunca me passou pela cabeça que eu era uma pessoa trans. Até porque eu provavelmente nem sabia o que era isso, eu acho. Eu não tenho muita memória da minha infância, dessa parte, mas em relação a isso, do que eu lembro, foi só na puberdade mesmo, antes eu só era aquela criança que era considerada um <i>tomboy</i>, parecida com um garoto, mas não era.</p>
<p>questão 07</p>	<p>Quando iniciou a transição de gênero?</p> <p>Logo quando eu, nessa idade que eu olhei para o espelho e falei “porra eu não sou”, eu acho que foi mais ou menos nessa época, porque se a gente for contar transição, eu meio que passei por 2, por assim dizer. Foi aquele momento que eu olhei e pensei: “eu acho que eu sou um garoto, eu me identifico como um garoto, baseado nessas coisas, eu nunca me identifiquei como uma garota”, mais pra frente isso foi mudando.</p> <p>Todo mundo que eu não tenho muito contato, assim, principalmente pessoa cis, eu ainda continuo falando que sou uma pessoa transmasculina, que eu ainda sou um homem trans, mas pra falar a verdade, como eu falei eu tive 2 transições, mais pra frente eu tive uma segunda transição na qual eu peguei e falei: “Eu não me identifico como um homem, mas eu também não me identifico como uma mulher”. Não importava o que eu fizesse, a minha expressão de gênero e a minha identidade, sempre voltava pra algo que eu pensava: “não importa o que eu faço, não importa o que eu use, eu sou assim” e foi quando eu tive contato com uma parte mais aberta da comunidade trans.</p> <p>Que era um pessoal sobre aquela ideia de gênero não-binário, que você pode se identificar não sendo 100% homem, nem 100% mulher, que foi quando eu pensei: “poxa eu</p>

não me identifico com nenhum dos dois, acho que eu sou uma pessoa não binária”.

E essa transição, ela foi muito de boa pra mim, em certos momentos eu tive um pouco de dúvida, porque eu parava e pensava: “poxa eu quero fazer isso aqui, eu quero me vestir desse jeito”, mas são coisas que eu percebi que não afetariam meu gênero diretamente, e pra mim, essa transição foi muito de boa. Assim, internamente eu sofri um pouquinho, porque eu ficava naquela de... Eu me afetava mais com o que as outras pessoas falavam do que eu mesmo sobre mim, mas no final foi uma coisa muito de boa.

Tu falou de uma parte mais aberta da comunidade, que fala de não-binarismo, qual diferença tu vê entre a parte da comunidade que fala sobre gêneros não-binários e a parte da comunidade que não fala sobre isso?

Num geral, a comunidade LGBT, ela é muito centrada no G ainda, nos gays. A gente tem muito uma coisa que até pessoas que são de gêneros binários (mulheres trans, travestis e homens trans) falam que a comunidade LGBT é muito fechada para pessoas trans no geral.

Então, de um lado a gente vai ter uma comunidade LGBT que aceita pessoas trans entre aspas, mas eles vão olhar na cara de uma pessoa não-binária e dizer que ela não é válida (até pessoas trans binárias falam isso pra falar a verdade) e a gente vai ter uma comunidade que vai pegar e falar: “não, o gênero ele é algo que pode ser complexo, ele pode ser explorado” e assim, é uma comunidade muito grande, que a gente estende para vários campos sabe, a gente tem essas pessoas que falam: ai, eu sou gênero fluido, eu sou agênero, eu sou gênero neutro, eu sou um pouco mais homem, ou um pouco mais mulher, isso vai para campos muito grandes, nós temos... Um exemplo disso são os *xenogêneros* que são os gêneros em relação às pessoas neuro divergentes, porque pessoas neuro divergentes elas experienciam gênero de uma forma diferente. Então isso abre para outros gêneros, que às vezes o pessoal olha e fala: “nossa, isso é uma microidentidade”, mas é o jeito que a pessoa se identifica e é o jeito que a pessoa gosta de se

expressar sabe? Então pra mim... Isso é algo que muita gente não entende.

O pessoal já não entende o uso do pronome neutro, imagine esse tipo de gênero, então. É uma coisa, que essa comunidade LGBT, que tem muita pessoa cis no meio, não entende e discrimina, sabe, tanto que eu era uma pessoa assim, antes de eu ter contato com pessoas não-binárias, antes de eu perceber que eu era uma, que era aquela coisa de falar que não era válido e... Eu senti isso na pele, porque muitas vezes nessa comunidade, é uma competição pra ver quem passa mais ou pra ver quem sofre mais também, por exemplo, você é um homem trans nesse meio, se o pessoal vê que já vestiu uma pessoa diferente, o pessoal já assim, acha que você não é trans de verdade, você não pode se expressar do gênero que você quiser, falando de expressão e não de identificação em si. Então, é muito nítida uma diferença entre essas 2 partes da comunidade.

Elas querem ser elas mesmas, mas ao mesmo tempo ainda reproduzem muitos preconceitos, né? Hunrum

Esse xenogênero, me explica o xenogênero, por favor? Eu nunca tinha ouvido falar.

Se você quiser, eu posso te mandar um link para você ler melhor depois, mas basicamente, como eu falei, pessoas neurodivergentes, pessoas com TDAH, Autismo, elas experienciam o gênero de uma forma diferente das outras pessoas, é difícil falar, mas basicamente elas têm uma percepção diferente de gênero às vezes, então, às vezes esse gênero tá relacionado a muita coisa da vida dessa pessoa, do jeito que ela passa, são gêneros que são considerados não-convencionais, não é homem, não é mulher, não é agênero, não é fluido(ou pode ser fluido né, dependendo da pessoa), mas é algo não-convencional e geralmente tá relacionado a algum hiperfoco da pessoas, que pessoas neurodivergentes têm esses hiperfocos, essas hiperfixações que são coisas que a pessoa é tão fixada que as vezes atrapalha um pouco a vida dela e precisa de tratamento e tudo mais. Um exemplo disso é catgender, gênero gato, algo muito

parte da pessoa, sabe. Se quiser depois eu te mando um link, que explica melhor do que eu explicando aqui.

Depois eu vou atrás mesmo, só pra entender, assim. Porque para simplificar, eu só dividi entre feminino, masculino e agênero, porque se for destrincar...

Nossa gênero é um bagulho que é tão... Cê vai explicando e, cê vai, só vai

questão 08

O que mudou depois do início da transição, dentro de você e nas sua relação com a sociedade?

Eu sinto que, em relação a mim, eu acho que me tornei uma pessoa melhor, de certa forma. Ainda tem coisa que me deixa um pouco angustiado, às vezes, mas é um pouquinho raro, mas, em relação a mim, eu acho que me sinto uma pessoa mais livre.

Porque, em todo lugar que eu ia, que eu me identificava, seja como um homem trans, quando eu me identificava como um, ou seja como uma menina cis, eu me sentia muito preso, hoje em dia, acho que assim, ainda tem algumas complicações, mas eu me sinto muito livre.

Em relação às pessoas à minha volta, as minhas relações, foi um pouquinho mais complicado, porque assim, Deus falou: “Não basta você nascer numa família de ascendência japonesa, você vai nascer latino e no Brasil, no país que mais mata pessoas trans”. E assim, não querendo levar isso à política, mas meus pais são eleitores assíduos do nosso querido presidente atual(entrevista feita em 2022), então a reação não foi muito boa.

A minha mãe, ela ameaçou me expulsar de casa, mas foi só *bait(blefe)*, pra ver se eu mudava. E assim, a minha mãe, ela olha pra mim, todo mundo na minha família na verdade, olha pra mim e me chama pelo meu nome morto, não respeita meu gênero, não respeita nada. Eles têm bastante aquela coisa de que lugar de mulher é, não na cozinha, lugar de mulher é sendo mulher, lugar de homem é sendo homem, sendo homem masculino, sendo mulher feminina. Eles nunca praticaram nenhum preconceito diretamente à mim, mas eles ainda reproduzem todo tipo de LGBTfobia possível... Tá, um pouco de micro agressão pelo fato deles me chamarem pelo meu nome morto? Sim. Mas não diretamente a mim, sabe? Um exemplo disso é o fato de que tem uma bibliotecária trans aqui na cidade e meus pais praticam transfobia com ela né? E assim, isso eu vendo é algo horrível.

Em relação... Assim, a gente nunca falou muito sobre isso, minhas irmãs fazem às vezes piada porque eu já mudei meu nome algumas vezes, minha mãe, num fala nada, mas ela parou de comprar “roupa de mulher” pra mim, assim, roupa não tem gênero, mas falando pros padrões da sociedade, a minha mãe parou de comprar esse tipo de roupa pra mim e só compra camiseta simples, porque esse é tipo de roupa que “homem” usa, ela me respeita caso eu queira ir num casamento, numa festa de camiseta social, de terno, tanto que na minha formatura do ensino médio eu fui de terno. Gerou um pouquinho de briga em casa? gerou, mas tudo bem e nossa, foi... É meio tenso.

Não só minha família, mas eu perdi bastante amigos por causa disso, eu tenho muito trauma de ter amigo em *real life* (fora da internet), por causa justamente de transfobia. Hoje em dia nem tanto, porque eu entro em pânico se eu saio de casa, mas quando eu era rolezeiro (saía muito), eu tive 2 grupos de amigos nesse meio tempo, tirando meus amigos de faculdade, com quem eu sou amigo até hoje, mas nesses grupos de amigos eu fui discriminado por pura transfobia, tinha LGBT no meio mas era um pessoal que não respeitava minha expressão de gênero, não me respeitava nem quando eu chamava eles e quando eu fui tentar discutir o que era transfobia, o que não era, todo mundo se virou contra mim. Eu perdi bastante gente no meio do caminho, foi doloroso pra caralho, mas hoje eu penso que é um livramento.

E essa fobia social, tu acha que foi por causa deles, foi por causa da pandemia ou foi tudo junto?

Eu acho que tudo junto. Eu parei de conversar com esse pessoal mais ou menos no meio de 2019, por causa de uma tretinha que envolvia o Ezra Miller, porque o Ezra Miller é não-binário e assim, hoje em dia ele não é o melhor exemplo pra dar porque o cara tá tentando platinar o código penal, mas quando ele era uma pessoa semi-descente, quando ele tinha saído do armário como pessoa não-binária, isso gerou muita discussão entre os meus amigos. Aí eu fui lá defender o cara e resultou nisso né, eu parei de conversar com o pessoal porque... É que assim, eu já tinha brigado com eles porque eu

	<p>sinto que eles estavam me excluindo de certas coisas e isso aí foi o estouro pra eu pegar e falar: “não, eu não quero mais contato com vocês”.</p> <p>Esse foi um dos motivos, por que em 2019, assim, de 2015 até 2018, eu saía todo fim de semana e lá em 2019 quando eu parei de sair, porque o pessoal tinha mudado de cidade por causa da faculdade, eles não podiam ficar vindo na cidade toda hora né, por mais que fosse uma cidade do lado, eles tiveram que se mudar e eu já tava ficando mais em casa. Em 2020 eu passei na faculdade e eu pensei que ia sair mais ir pra festa, veio a pandemia, eu já não tava mais saindo de casa, aí eu fiquei sem sair pelo resto de 2020 e metade de 2021, então, nossa, eu já tava maluco já da cabeça.</p> <p>Tanto isso, quanto vários outros problemas, que me deixaram desse jeito, tanto que assim, eu não saio do meu quarto, saio quando precisa, eu não consigo conviver lá fora, não consigo conviver com meus pais perto de mim, é um bagulho que me deixa bem estressado, sair de casa, então eu acho que foi um combo dos dois.</p>
questão 09	<p>Quais obstáculos você teve que enfrentar por ser trans?</p> <p>Eu me descobri trans antes de entrar no ensino médio, acho que mais pro final do ensino médio, eles botaram essa lei de você poder usar nome social em escola.</p> <p>E aí começa a primeira dificuldade, a escola, se você for menor de idade, eles não vão te deixar usar seu nome social sem a autorização dos seus pais. Então a primeira dificuldade começa aí, eu tô num ambiente todo dia, estressante pra caralho, e eu tenho que escutar gente falando meu nome de outra forma, tanto que eu só fui sair do armário pro pessoal da escola, publicamente mesmo, lá pra 2016, ou 2015, mais ou menos nessa época. Essa é a primeira coisa né, você não pode mudar o jeito que você se identifica por causa disso(autorização dos pais).</p>

Aconteceu isso também na faculdade, por algum cacete de motivo, eu tinha que verificar o documento no cartório, sendo que é lei e tem faculdade nem pede essas coisas, até na hora da matrícula eles pedem na verdade (documento pro nome social), mas eu dou graças a Deus que a maioria dos professores eram muito de boa com isso, mas eu passei a faculdade inteira com meu nome ali né. ainda bem que os professores deixavam eu assinar meu nome social.

Acho que também tem o que eu falei antes a dificuldade na “aceitação” dentro da comunidade trans, porque já é ruim pra pessoa que é trans binária, imagina a gente que é não-binário. Já começa que a gente nasce no país que mais mata pessoas trans e a gente tem uma comunidade que não aceita a gente. Já começa aí, a não aceitação dentro da própria comunidade, já é um obstáculo, sabe? Por mais que a gente queira se unir, ainda é muito dividida a comunidade LGBT no geral.

Tô tentando me lembrar de mais, mas não consigo, se eu lembrar mais alguma eu te falo, no meio ou no fim.

Tem uma pergunta que não está aqui diretamente, mas tu tem alguma disforia ainda?

É muito específico, eu não sinto disforia por ser uma pessoa que nasceu com uma vagina, por ser uma pessoa que tem peitos. Minha disforia é mais relacionada a distúrbio alimentar, mais em relação ao meu peso, meu corpo, do que em relação ao meu gênero

Às vezes, especificamente, tem assuntos que me engatilham a sentir esse tipo de disforia, de gênero e não do meu peso, que são momentos no qual a pessoa falou algo abertamente transfóbico em relação a mim, então nesse momentos específicos eu me sinto mal, mas tirando isso sou uma pessoa bem de boa com o meu corpo.

Eu ainda quero fazer cirurgia, mastectomia para tirar meus peitos, mas de resto sou muito de boa com isso, tanto que eu nem tenho pretensão de fazer tratamento hormonal, por

	<p>exemplo, pelo menos no exato momento que eu tô na minha vida, talvez no futuro, mas no momento não sinto necessidade.</p>
<p>bloco 03 Agora quero falar um pouco sobre os padrões de gênero, como você os enxerga e si enxerga</p>	
<p>questão 10</p>	<p>Como você prefere ser vista(o), a partir de uma perspectiva binária do que é feminina e masculina ou mais alternativa?(Se mais alternativa, qual estética?)</p> <p>Na comunidade trans, a gente tem muito essa brincadeira da gente olhar para coisas que claramente não expressam gênero e falar: “gênero”, sabe? Tipo, olhar pro monstro de Lovecraft e falar:”gênero, eu quero ser isso”.</p> <p>Meu objetivo não é confundir as pessoas, mas eu gosto que as pessoas me olhem e não saibam discorrer qual é meu gênero, sabe? Eu sei que muita de mim, eu ainda me apresento de um jeito socialmente interpretado como feminino, eu passo maquiagem, eu me arrumo, eu uso muuito acessório, mas ao mesmo tempo... É que assim, eu tenho um pouco de misoginia internalizada e parte de mim diz que eu não quero ser reconhecido como uma mulher, tanto por ser trans, quanto por isso, eu acredito que seja mais por isso, mas, assim, ao mesmo tempo que eu quero que a pessoa olhe pra mim e não saiba qual é meu gênero, eu não quero ser interpretado como uma mulher.</p> <p>Mas, se eu tô bem comigo, por que eu vou me importar com a interpretação das outras pessoas, sabe? Porque até mesmo durante e pós-transição, tem pessoas que viram e falam: “ah, você não é assim, você é de outro gênero, você é do gênero que te deram quando você nasceu”, e assim, obviamente, vai acontecer muitas vezes comigo, com outras pessoas e obviamente abalada, mas se eu tô de boa comigo, por que eu vou me importar com isso?</p> <p>Eu fui muito longe na pergunta, mas basicamente, se for resumir em palavras mais curtas, eu acho que eu queria ser interpretado como andrógeno, sabe? Não exatamente nenhum</p>

	<p>e nem outro, embora eu tenha traços que talvez acabem caindo mais em um e outro, sabe?</p> <p>E em relação a cores, formas, objetos, roupas?</p> <p>Tudo que é mais delicado, vestido, saia, essas coisas o pessoal associa mais a mulher e tudo que é mais calça, camiseta social, o pessoal joga mais pra homem, sabe? Assim como as cores, né? O pessoal gosta de botar azul e rosa como rosa pra mulher e azul pra homem, o que eu não entendo até hoje, porque rosa é uma cor tão bonita, que combina em tudo, é uma das minhas cores favoritas no momento, inclusive.</p>
questão 11	<p>Quais cores e formas você acha que melhor traduz o gênero feminino e o gênero masculino - na perspectiva do senso comum (binária) ?</p> <p>A gente ainda tem muito aquela coisa de que, se você tem um comportamento muito delicado... Tipo, que mulher tem que ter o comportamento delicado, tem que se cuidar, tem que se cuidar pro marido, porque a sociedade pra mulher ainda é virada pra esse tipo de coisa ainda. Dizem que mulher tem que ser delicada e etc e tem que ser mãe, enquanto homem tem que ser o provedor da família, tem que ser o macho e que se você for delicado você tá sendo fraco ou gay e se você é uma mulher masculina vão falar que você é lésbica, sem problema nenhum ser lésbica, obviamente, ou que sei lá, você não tá se cuidando o suficiente, esse tipo de coisa bem ruim.</p> <p>O que seria ser uma mulher masculina?</p> <p>Aquela mulher que o pessoal fala que não é delicada, sabe? Que faz coisa considerada de homem, gosta de futebol, não é delicada, é uma pessoa que puxa briga, que não gosta de vestido, nem de maquiagem. Tem vezes que essas pessoas são aquelas <i>pick me girl</i>, que quer atenção de macho, o que eu acho muito engraçado, mas tem gente que só é assim e pronto.</p>

questão 12

Como (gênero tal) com quais cores e formas você se identifica?

Eu nunca fui uma pessoa de tons muito quentes, mas também tons não muito frios? Eu falo que eu gosto do arco-íris, eu como artista, eu gosto de mexer com as cores, de teoria das cores, mesmo entendendo pouco, gosto muito de mexer com as cores de um jeito que eu possa me expressar, tanto em mim, quanto nas minhas artes.

Mas, especificamente, assim, eu gosto muito do roxo, do amarelo, do verde e do rosa. O rosa é meio que minha cor do momento. O amarelo, o branco e o roxo eu acho que são por conta que são que estão na bandeira não-binária. Meu estilo ideal, seria muito aqueles emos coloridos dos anos 2010, se eu fosse daquele jeito eu estaria feliz. Só não gosto de calça colorida.

Eu sempre usei o mesmo tipo de camiseta, porque, é tão mais fácil de comprar, cê acha em todo lugar. A única diferença é que assim, minhas camisetas, é uma camiseta normal, sabe, tem uma do beatles, tem uma de pintura, a maioria é de anime, porque se não, não sou eu, aquelas camisetas pretas com estampa de anime que você vê na internet

Tendo a não ligar muito pra roupa porque não tenho dinheiro pra isso, talvez no futuro quando eu tiver emprego. Eu foco mais nos acessórios, eu gosto muito porque acho que eles são um toque a mais, eu posso tá com uma roupa bem simples, se eu me encho de o-binária e também tem o preto, mas o preto é porque eu sou emo mesmo[risos], mas é uma combinação de cores que eu gosto justamente por causa da bandeira, pra mim. Tanto que assim, mais da metade do meu guarda-roupa é só camisetas pretas, eu tenho 3 camisetas brancas.

E assim, em relação a peças específicas de roupas, eu não sei dizer muito, mas é mais por falta de dinheiro e falta de oportunidade de comprar o tipo de roupa que eu gosto. acessório, vou ser a pessoa mais feliz. Acho que roupa também tem o fator de que prefiro roupa confortável.

Os acessórios, pra mim, eu acho que eles ajudam bastante. É que assim, eu tenho muita referência de estética japonesa, de movimentos de subcultura japonesa sobre mim, o *yami kawaii*, que fala sobre saúde mental, o *decora kei*, que é sobre essa maximização dos acessórios fofos e ter tudo isso, tudo colorido, o *visual kei* que é essa parte do rock japonês, que também tem bastante acessório, que carrega bastante ambiguidade no estilo do pessoal da banda, a gente tem o Mana Samado, mely simuser, ele parece uma boneca, aquelas bonecas de cabelo longo e estilo gótico, sabe? Quem não conhece, olha pra ele e pensa que é uma mulher, não é, é o estilo dele na banda. O *Malice Mizer* são especificamente uma banda que eles são *visual kei*, mas têm bastante influência do gótico.

Eu carrego muita inspiração desse tipo de estética que tem uma sobrecarga bem grande na acessorização. Quando eu saio de casa, eu sempre tô saindo com brinco, colar anel, sempre, porque eu acho que eles dão um toque a mais, mesmo que seja algo pequeno e se eu pudesse eu botaria mais, mas eu não tenho no momento.

Tem gente que usa acessórios como armadura, tu acha que usa como armadura as vezes?

Eu acho que um pouco dos dois, depende muito.

Eu não uso binder(aqueles coletes que comprimem os seios), eu tenho 1, mas eu raramente saio com ele, só quando é situação social, que eu não conheço ninguém, quando é festa de família eu nem me dou ao trabalho. Binder eu uso mais como armadura porque eu tenho medo de sofrer transfobia, ainda mais de gente que eu não conheço. Eu nem gosto de usar, passo mal, com falta de ar, mas uso como armadura.

Acessório é porque eu gosto mesmo.

Tem gente que transiciona e rejeita uam certa estética, por exemplo, as minhas coisas fofinhos ou precisam ser minimalistas, tu tem alguma encanação com isso, tem algum tipo de acessório, objeto que tu teria repulsa?

	<p>Eu tenho muita encanação com coisa que é considerada hiper masculina, sabe? Aquela coisa do homem ser o provedor da família e futebol, churrasco etc Malhação nem tanto porque eu sou um pouco fascinado com academia e exercício, esse tipo de coisa, mas tudo que é considerado hiper masculino eu fico tão enjoado. Eu acho que é por questão da gente ter essa imagem daquele homem super másculo ser agressivo, pelo menos pra mim.</p> <p>Eu gosto muito de bichinho de pelúcia, mas acho que é mais pra resgatar a infância do que relacionado a gênero. Eu vejo que isso acontece bastante com gente cis também, “nossa você tem essas coissinhs aí, você é criança?” Não, é porque eu gosto.</p> <p>Depende um pouco, eu gosto da idéia do masculino, mas eu não me identifico nessa questão de “aí você tem que ser o macho” e tudo que envolve essas coisas, como por exemplo o futebol, não gosto de jeito nenhum.</p>
questão 13	<p>Quais objetos e alterações no seu corpo mais ajudaram a te tornar quem você queria ser? (Pode me enviar uma ou algumas imagens que você sente que responde essa pergunta?)</p> <p>O que me ajudou a me ver de forma diferente, mais confortável, não foi tanto à vestimenta. Claro que hoje em dia eu uso maquiagem, coisa que o Nobu de 12 anos odiava. Se o Nobu de 12 anos não fosse tão assim, hoje em dia eu saberia rebolar e usar maquiagem.</p> <p>Claro, teve essa mudança, eu comecei a usar maquiagem, comecei a usar acessório, mas acho que a maior mudança que me fez enxergar desse jeito foi a vivência. Eu convivi com pessoas trans, eu convivo com pessoas não-binárias, eu convivi dentro da comunidade LGBT e tudo isso trouxe experiências, tanto positivas quanto negativas, eu conheci outras pessoas que... Como eu falei, o gênero é algo complexo</p>

e que muita gente não entende, às vezes eu não entendo, mas é algo que você vai coletando, essa vivência de várias pessoas e você vai aprendendo um pouquinho mais, sabe?

Eu acho que o que me mudou mesmo não foi algo físico, claro alguns comportamentos meus mudaram, mas foi graças a esse conhecimento.

finalização

para indicar a finalização da entrevista, pergunte ao entrevistado se ele gostaria de acrescentar mais alguma informação que julgue importante. Então, agradeça e encerre a gravação.

Imagens Nobu:³²



³² 1-Bjorn Andersen; 2-Alucard de *Castlevania*; 3- Lestat - Ayami Kojima; 4- Lestat do filme *Diário de um Vampiro*(1997); 5-Moira de *Overwatch*; 6- David Bowie;7-Reita,baixista da banda *GazettE*; 8- Mana-sama, da banda *Malice Mizer*; 10- Walter de *Hellsing*; 11-Shadow do videogame *Sonic*; 12-Waluigi;13-obra dadaísta;14-Michael Cera;15-Shun de *Cavaleiros do Zodíaco*;16-Estilo *Decora kei*;17- Raruma de *Hypnosis Mic*;18-Mataka Kijima de *Gintama*; 19- Sona de *League of Legends*; 20- Movimento *Yami Kawaii*;21- Mikan Tsumiki de *Danganronpa*;22-Kalista de *League of Legends*; 23-Rhea Replay;24-LeanBeefParty; 25-Meryl de *Metal Gear*; 26-Jazmin Bean; 27- Arcanjo Gabriel de *Mandella Catalogue*; 28 - Akira do OVA de *Devilman*; 29-Mercy *Necromance*;30-Nicole *Dolanganger*; 31-Ibuki Mioda de *Danganronpa*; 32-Akutagawa de *Bungou Stray Dogs*; 33- Homare.

Links de acessos disponíveis em:

<https://docs.google.com/document/d/1nuYKoCXX0xnJUIISaYQyz7Qf1_RXfXcE3inY3MgT_tzl/edit?usp=sharing>

Entrevistas 2

Introdução	
<p>Olá, meu nome é Letícia, eu estou fazendo essa entrevista para o meu TCC, do curso de Design da UFC.</p> <p>Me incomoda como a sociedade perpetua os estereótipos de gênero, o design, como profissão que comunica, muitas vezes reproduz esses estereótipos, a gente é ensinado a fazer os projetos de um jeito e reproduz no automático. Estou pesquisando como questionar, quebrar isso através da linguagem visual(formas, cores).</p> <p>Quero conversar com você para saber mais da sua vivência e percepção de mundo. Não se trata de um teste, será uma conversa, então pode ficar à vontade e responder com calma e com detalhes. Não há respostas certas ou erradas, queremos entender sua vivência como pessoa trans.</p> <p>Eu gostaria de gravar nossa conversa porque ainda que faça anotações, as gravações auxiliam depois. Você nos permite realizar a gravação desta entrevista? Só quem terá acesso a elas serão eu e minha orientadora, Claudia Marinho, caso a entrevista vá para os anexos do TCC, usarei nomes falsos ao invés dos seus verdadeiros.</p> <p>Também, como após a conversa podemos ter dúvidas sobre detalhes do que conversamos, posso pedir mais explicações depois.</p> <p>Alguma dúvida sobre algo? Podemos começar?</p>	
Aquecimento [perguntas fechadas]	
questão 01	<p>Como se chama? bom, meu nome social é Nikki</p>
questão 02	<p>Qual seu gênero? Por qual pronome prefere ser tratado? Sou não-binário, agênero e os pronomes que mais uso são ele/dele</p>
questão 03	<p>Qual sua idade? tenho 19 anos</p>

questão 04	Onde mora? moro em São Paulo
questão 05	Qual sua ocupação atual? Atualmente sou estudante de design desempregado
bloco 01	
"Agora vamos falar um pouco sobre como foi crescer e se sentir diferente do gênero que te deram e um pouco sobre a transição de gênero "	
questão 06	<p>Você sempre se viu como agênero ou isso só apareceu mais tarde?</p> <p>Foi algo mais recente, só que de certa forma "sempre esteve lá", sabe? me descobri trans com 14-15 anos e lá eu nem sabia muito dessas coisas pela desinformação e meio que alienação mesmo, até lá eu me considerava transmasculino mas sempre parecia que tinha algo errado, e mais pra frente fui aprender sobre o não-binarismo e ser agênero, e dali eu acho que me encontrei</p> <p>O que tu quer dizer com "sempre esteve lá"?</p> <p>É meio que tipo, uma coisa bem intrínseca à pessoa eu imagino, mas com certeza é bem comum, tu sabe como várias pessoas trans acabam transicionando mais de uma vez conforme elas vão vivendo e se descobrindo, e no meu caso isso foi que, tipo, nunca pareceu 100% certo pra mim esse termo, transmasculino, porque na verdade eu não me via como homem trans, mas pela falta de conhecimento na época era meio que "tudo que eu tinha", tá ligado? eu sabia que não era cis mas me faltava a informação crítica do que era ser não-binário.</p> <p>E mesmo antes de se dizer transmasculino já tinha um incômodo com o gênero que te deram ao nascer, tu só não sabia apontar direito o que era?</p> <p>Simm exatamente. Eu acho que pela minha criação e vida enquanto criança eu era meio que uma daquelas [crianças] "quietinhas obedientes" que só fazem o que mandam, então essas coisas nem passavam pela minha cabeça sabe, mas aí</p>

	<p>conforme eu cresci eu fui tendo acesso às informações aí que eu fui descobrindo: “Caramba esse sentimento tá aqui!”. Aí, daí pra frente foi meu processo de auto conhecimento e estamos aí hoje (risos).</p>
questão 07	<p>Quando iniciou a transição de gênero?</p> <p>Eu diria que lá pros meus 15 anos. Passei uns bons 2 anos me identificando como transmasculino, então inicialmente sempre tinha aquele sentimento estereotípico de me vestir como um garoto ou me portar como um, acho que o maior marco foi quando cortei meu cabelo curto (e eu sempre gostei de ter ele grandão), mas nessa época eu já tava beirando o não-binarismo e a vontade de parecer homem virou querer ter uma aparência bem andrógina</p> <p>Para ser honesto também, a minha fase transmasculina não foi uma das melhores, sempre tem aquela pressão interna de se descobrir trans e tal e como as pessoas iam reagir, mas foi passando, hoje em dia sou bem mais confortável com meu gênero e minha forma de expressão</p>
questão 08	<p>O que mudou depois do início da transição, dentro de você e nas sua relação com a sociedade?</p> <p>Em mim mudou praticamente tudo, não totalmente por conta da transição mas porque essa fase acabou coincidindo com um autodescobrimento bem no geral, mas acho que se descobrir trans muda sua cabeça muito. Dentro de mim mudou, óbvio, a forma como eu me via, minha identidade e minha personalidade, e em relação à sociedade eu acho que não tive tanto essa experiência, já que por motivos pessoais eu não saí do armário pra muita gente, mas num âmbito geral você também começa a se relacionar mais com pessoas que também são trans ou LGBTs, e começa a aprender mais sobre esse povinho animado e como a gente se insere no mundo</p>

	<p>E tu pode elaborar(se se sentir confortável), os motivos de não ter "saído do armário" pra muita gente? Chuto criação muito rígida, mas deve ter mais coisa. Só pra entender o contexto social mesmo</p> <p>Realmente um dos grandes fatores foi a criação rígida, minha família inteira é bastante religiosa e isso sempre cria um peso enorme, ouvir que é pecado e etc, e mesmo que pessoalmente essas coisas não me afetem, a gente às vezes só prefere evitar um problema. No meu caso eu prefiro ficar dentro do armário e não me sentiria confortável em sair em nenhum momento, mas só porque essencialmente não ligo nesse ponto. Um sacrifício meio triste mas se evitar o tumulto que eu sei que vai causar eu não me importo</p> <p>Meio que prefiro manter uma boa relação e não ter uma penca de gente me julgando pelas costas, na minha cabeça isso vale mais e me poupa muita dor de cabeça</p>
<p>questão 09</p>	<p>Quais obstáculos você teve que enfrentar por ser trans?</p> <p>Acho que uma das vantagens de não sair do armário é que nunca enfrentei nada muito pesado, mas ainda assim, infelizmente a gente sofre preconceito, não tem como.. Tive a má sorte de me relacionar com pessoas transmedicalistas, amigos próximos que não conseguiram me aceitar por um tempo, e etc. Fora isso são aqueles obstáculos internos, a ansiedade lá no fundo e também os famosinhos probleminhas psicológicos que às vezes fazem a gente pensar coisas ruins</p> <p>Transmedicalismo? Que acha que é doença?</p> <p>Transmedicalistas são os trans "boomers" por assim dizer, geralmente também invalidam o não-binarismo, acham que para ser trans tem que ter disforia de gênero e fazer transição senão é só "modinha"</p> <p>Entendi, só é trans se tomar hormônio</p>

Simm bem isso. Te invalidam se você é confortável com a sua expressão de gênero se ela for contrária ao que você se identifica, por exemplo ser transmasculino mas se vestir de forma mais "feminina" e etc sabe. Bem merda

E esses "probleminhas psicológicos", tem relação com algum grau de disforia, é consequência de transfobia ou não são nenhum pouco relacionados a isso?

Simm, tive muito problema com disforia principalmente quando me identificava como transmasculino. Me descobrir agênero amenizou muito essa situação porque minha conformidade de gênero se tornou outra, logo minha forma de se expressar também.

Transfobia sempre tem parte também, aquelas que você tem que aguentar ouvir "você nunca vai ser homem/mulher nem que você queira" sempre pesa, e todo trans já ouviu pelo menos uma vez (risos)

Hmmm, imagino que era bem mais forte quando tu se identificava como transmasculino. Como isso foi mudando quando tu descobriu que existe agênero? A aceitação do próprio corpo melhorou?

Simm era, demais, querendo ou não ter uma ideia de gênero binarista no cérebro pode fazer muito mal quando você deixa ela te influencia, mas pra mim me descobrir ser agênero realmente amenizou isso, porque sumiu aquela necessidade de querer reforçar um estereótipo de gênero, tá ligado? Já não tinha mais tanto aquela pressão de "aí isso que eu tô fazendo é muito feminino, ninguém vai me respeitar enquanto homem trans" e toda essa besteira que rola solta na cabecinha, para mim foi algo muito bom porque me permitiu me expressar mais livremente e perceber que aquela pressão toda não precisava estar ali, porque para início de conversa eu sequer me vejo/quero que as pessoas me vejam como homem ou mulher, então para que todo o esforço para reforçar esses padrões?

só mais uma pergunta sobre isso, porque tu mal saiu da adolescência. A fase do colégio é bem ruim para muitas

peças e na adolescência a gente tem aquela fase de não gostar de si simplesmente pq se acha estranho e inadequado(fase do crescimento mesmo). Como tu explicaria a disforia de gênero pra esse povo que insiste que "é só uma fase de adolescente bobo"?

Aí esse povinho é difícil demais, sempre complicado de lidar.

Acho que a forma mais coerente de tentar explicar isso é ao menos tentar botar a visão da empatia e tentar olhar para uma situação fora dos seus olhos, pode ser difícil para eles entenderem, mas poxa, imagina o quão difícil é para a gente que tá vivendo isso? Tudo seria bem mais fácil se as pessoas primeiro tentassem entender o pensamento e o ponto de vista das outras em vez de se opor e forçar sua opinião.

Sempre tem como tentar tangenciar a disforia com algum problema que eles possam ter também, quem nunca teve um probleminha de autoestima, e mesmo que não seja a mesma coisa ainda é válido tentar uma forma de explicação que se alinhe com algo que todo mundo compreenda

Tem que ter muita paciência e o coração aberto, dos dois lados

Mas assim, se tu pudesse usar uma música ou imagem pra ilustrar a disforia, qual seria?

Olha vou lançar uma música e perdão pelo otaku saindo mas é porque não tem jeito, a tradução das letras dela pra mim expressa muito ser trans e viver com essa experiência (risos)

Sinceramente, eu não sou o melhor para isso porque eu para ser honesto não procuro taaanto auto expressão em arte ou música mas tá ai

<https://open.spotify.com/track/5KE5i73iG4A7h8OyqylZK?si=1aVEmxvTSl6rcF5_jvIZ5A&utm_source=copy-link>

tradução da letra:

<<https://www.letras.mus.br/teniwoha/villain/traducao.html>>

bloco 03	
Agora quero falar um pouco sobre os padrões de gênero, como você os enxerga e si enxerga	
questão 10	<p>Como você prefere ser vista(o), a partir de uma perspectiva binária do que é feminina e masculina ou mais alternativa?(Se mais alternativa, qual estética?)</p> <p>Eu pessoalmente prefiro mil vezes ser visto como andrógino ou bem meio termo, eu não ligo tanto de pender mais pro lado feminino porque querendo ou não criei o conforto com essa estética por viver a maior parte da vida assim, e também é mais fácil já que não saí do armário e pender muito pro masculino sempre vai gerar aquela olhadinha de canto, infelizmente.</p> <p>Eu sinceramente não me conecto nem um pouco com a expressão de gênero binária, as vezes sinto que eu sou a criatura com menos gênero que já pisou na Terra KKKKK, mas também sou bastante confortável com minha expressão, no final do dia eu vou vestir aquilo que me faz sentir bem, não importa se for uma coisa mais feminina ou masculina ou uma mistura dos dois.</p>
questão 11	<p>Quais cores e formas você acha que melhor traduz o gênero feminino e o gênero masculino - na perspectiva do senso comum (binária) ?</p> <p>Acho que com gênero binário sempre tem aquele padrão que faz a gente associar "ai, rosa pra menina e azul pra menino", para mim não foge muito disso também porque né, vivemos em uma sociedade, o máximo que eu poderia expandir seria que alinhio vermelho e tons de roxo à perspectiva feminina, e sobre formas eu acho que formas arredondadas(feminino), e masculina talvez amarelo e azul, e formas mais pontudas tipo quadrados, mais fechadas</p>
questão 12	<p>Como (gênero tal) com quais cores e formas vc se identifica?</p>

	<p>Sobre mim eu me alinho bastante com vermelho e tons dessa linha, laranja, amarelo, sempre curti muito tanto essa estética quanto os sentimentos que elas causam, e acho que se alinha comigo. e formas eu meio que associo com triângulos? ou formas mais bagunçadas, não tão fluidas mas não "perfeitas"</p> <p>Não to conseguindo muito imaginar essas formas mais bagunçadas, pode explicar?</p> <p>Pior que veio um termo muito técnico na minha cabeça e sabe-se lá por que, já que geometria é o meu pesadelo, mas basicamente são "polígonos não congruentes" (risos), são formas que não são congruentemente perfeitas, tipo pentágonos, hexágonos que são sempre simétricos sabe, e essas formas são mais bagunçadas(não-simétricas) e as formas não sugerem as que a gente conhece como as mais populares</p>
questão 13	<p>Quais objetos e alterações no seu corpo mais ajudaram a te tornar quem você queria ser? (Pode me enviar uma ou algumas imagens que você sente que responde essa pergunta?)</p> <p>No meu corpo o que mais fiz mudar foi meu cabelo, não pretendo fazer tratamento hormonal também, mas óbvio que tanto pela disforia já quis tacar tudo no lixo e recomeçar. Sobre aparência, foi mais o meu estilo, que não é muito bem definido também, mas acho que o que posso dizer sobre é que gosto muito de roupas mais estilosas, puxadas para <i>street wear</i> mas bem coloridas, sempre com algum acessório ou alguma peça que se destaca, e também uma mistura entre peças que pendem mais para algum gênero binário ou direto no meio termo.</p>
<p style="text-align: center;">finalização</p> <p>para indicar a finalização da entrevista, pergunte ao entrevistado se ele gostaria de acrescentar mais alguma informação que julgue importante. Então, agradeça e encerre a gravação.</p>	

Imagens Nikki:³³



³³ **1-meme com dinossauros**, disponível em:

<<https://twitter.com/0600hours/status/1390540942344523776>>; **2- meme**, disponível em: fonte desconhecida; **3- meme em inglês**, disponível em:

<<https://br.ifunny.co/picture/in-scariesl-enl-be-not-afraid-of-my-lille-of-9OowD0a98>>; **5- meme**,

disponível em: fonte desconhecida ; **6- Meme de caveira com a palavra fofo, como se ele estivesse falando**, disponível em: fonte desconhecida; **7- meme com bobo da corte**, disponível em:

<<https://www.dailydot.com/unclick/these-would-you-date-him-memes-would-definitely-have-you-swipin-g-left/>> ; **8- Teessue, marca de streetwear**, disponível em:

<<https://viacomit.net/2017/04/03/teessue-la-nouvelle-marque-streetwear-parisienne/>> ; **9- Amigos de Harajuku em streetwear colorida**, disponível em:

<<https://tokyofashion.com/harajuku-streetwear-nieuw-jurk-little-sunny-bite/>> ;

Entrevistas 3

Introdução	
<p>Olá, meu nome é Letícia, eu estou fazendo essa entrevista para o meu TCC, do curso de Design da UFC.</p> <p>Me incomoda como a sociedade perpetua os estereótipos de gênero, o design, como profissão que comunica, muitas vezes reproduz esses estereótipos, a gente é ensinado a fazer os projetos de um jeito e reproduz no automático. Estou pesquisando como questionar, quebrar isso através da linguagem visual(formas, cores).</p> <p>Quero conversar com você para saber mais da sua vivência e percepção de mundo. Não se trata de um teste, será uma conversa, então pode ficar à vontade e responder com calma e com detalhes. Não há respostas certas ou erradas, queremos entender sua vivência como pessoa trans.</p> <p>Eu gostaria de gravar nossa conversa porque ainda que faça anotações, as gravações auxiliam depois. Você nos permite realizar a gravação desta entrevista? Só quem terá acesso a elas serão eu e minha orientadora, Claudia Marinho, caso a entrevista vá para os anexos do TCC, usarei nomes falsos ao invés dos seus verdadeiros.</p> <p>Também, como após a conversa podemos ter dúvidas sobre detalhes do que conversamos, posso pedir mais explicações depois.</p> <p>Alguma dúvida sobre algo? Podemos começar?</p>	
Aquecimento [perguntas fechadas]	
questão 01	<p>Como se chama?</p> <p>Luna</p>
questão 02	<p>Qual seu gênero? Por qual pronome prefere ser tratado?</p> <p>Então, eu nasci no gênero masculino, mas me identifico com o gênero feminino. Prefiro os pronomes ela/dela</p>
questão 03	<p>Qual sua idade?</p> <p>24 anos</p>

questão 04	<p>Onde mora?</p> <p>Fortaleza - Ceará</p>
questão 05	<p>Qual sua ocupação atual?</p> <p>Acompanhante</p>
<p>bloco 01</p> <p>"Agora vamos falar um pouco sobre como foi crescer e se sentir diferente do gênero que te deram e um pouco sobre a transição de gênero "</p>	
questão 06	<p>Você sempre se viu como menina ou isso só apareceu mais tarde?</p> <p>Desde o início, desde que eu me entendo por gente, sempre menina, sempre, sempre, sempre. O estilo de roupas, maquiagem, boneca, tudo no feminino, nada no masculino.</p> <p>Como era tua família com isso?</p> <p>Lá em casa todo mundo já sabia. A minha mãe entendia mas só que ninguém falava, todo mundo se fazia de cego, de doido, como se todo mundo já soubesse e deixasse pra lá, entendeu? Num tivesse problema nenhum. E foi super de boa, quando eu comecei a trocar de roupa, minha irmã me ajudou a me dar bolsa, roupa, maquiagem, ela e minhas irmãs.</p> <p>Mas isso de não falar era como: “todo mundo já sabe a gente ta confortável”?</p> <p>Que já sabia e aceitava</p> <p>Tá, porque tem gente que age como: “ eu só vou fingir que não sei e deixa a pessoa viver, mas não aceito”</p> <p>Não, o meu foi diferente, minha mãe e minhas irmãs já sabiam e elas aceitaram de boa, como se eu já tivesse nascido menina e não me vissem mais como menino, entendeu? Como antigamente. Elas já entenderam que eu queria aquilo para mim, elas aceitaram e não tiveram problema nenhum, nunca faltaram respeito comigo, nunca me julgaram, nada, nada, nada disso.</p>

	<p>Quem julgava mais eram os outros, né?</p> <p>Era, as pessoas da rua. Ainda bem que eu tive o apoio da minha família né e foi super de boa, super tranquilo.</p>
<p>questão 07</p>	<p>Quando iniciou a transição de gênero?</p> <p>Eu tinha uns 15 para 16 anos, foi muito nova mesmo que eu comecei a me maquiar, trocar de roupa.</p> <p>E aí, foi só isso no começo ou tu já começou com hormônio?</p> <p>Os hormônios eu tomava de vez em quando, não foi por nenhuma indicação de um médico, foi por conta própria, minhas amigas me indicavam, aí eu aplicava em mim, tomava, mas não era todo mês, de 15 em 15 dias não, era uma vez perdida. Eu não sei como eu me tornei assim né, bem feminina, mas o hormônio ajudou mas nem taanto, foi por, meu corpo mesmo.</p> <p>Tu já desde cedo queria né, então...</p> <p>Aham, eu sou muito parecida com a minha irmã, muito, muito</p> <p>Então foi só mudar o jeito de vestir que já ficou a cara da tua irmã?</p> <p>Foi, as pessoas falavam muito isso, que a gente era muito parecida, que eu já nasci pra ser mulher mesmo, não tinha nada de homem</p>
<p>questão 08</p>	<p>O que mudou depois do início da transição, dentro de você e nas sua relação com a sociedade?</p> <p>Eu não me sentia confortável num corpo que eu não queria tá, sabe? Com traços masculinos. Eu tinha medo de falar com as pessoas, das pessoas olharem pra mim e falar: tu é viado, não queria ser confundido com um. Depois que comecei a me</p>

	<p>transicionar, mudar de roupa, comecei a me maquiar, a minha família começou a me ajudar, eu mudei.</p> <p>Quando eu era meninozinho ainda, eu não me sentia bem, quando eu chegava perto das pessoas eu não ficava tranquila, de boa, de conversar, de se expressar, não ficava a vontade, eu ficava toda dura, não ficava assim, de boa de conversar, de ficar tranquila no ambiente.</p> <p>Depois que eu fiz a transição que eu mudei, eu me sinto liberta, outra pessoa. Isso foi muito incrível pra mim, porque nunca tinha passado isso na minha cabeça: “Será que quando eu fizer a transição e mudar eu vou me sentir liberta, a vontade de falar o que quiser, de me expressar?” Não passou, depois que eu fiz isso, aí eu vim sentir.</p> <p>Caiu a ficha né?</p> <p>Sim, que quando eu era gay, eu não era feliz, eu ficava toda dura. Que eu só andava com os meninos e a minha vontade era de andar com as meninas, de brincar de boneca, de maquiar, entendeu?</p>
questão 09	<p>Quais obstáculos você teve que enfrentar por ser trans?</p> <p>Assim, na minha família, graças a Deus, foi super de boa, tranquilo, agora a sociedade né? Emprego, não tinha como.</p> <p>Como todo mundo sabe, o que emprega mais assim, é os salões de beleza né, ser auxiliar, lavar cabelo, os outros cantos não querem, de jeito nenhum. Por ser trans né, aquela aparência né, as pessoas não aceitavam. Aí eu comecei a trabalhar num salão de beleza como auxiliar, mas foi o único emprego que eu tive, depois eu tive que ser Acompanhante.</p> <p>Que era o que dava mais dinheiro e...?</p> <p>dava mais dinheiro e era a única forma que eu podia ter o dinheiro de fazer minhas cirurgias, pra me sentir mais completa</p>

Quando tu começou a fazer tuas cirurgias?

Eu comecei eu tinha 19 pra 20 anos, coloquei minha prótese, primeira cirurgia plástica, de lá pra cá até hoje fiz cirurgia, tenho diversas cirurgias.

Teu nome tu conseguiu mudar?

è mudado, troquei meu nome, fiz a retificação nos documentos, troquei meu nome.

E antes de tu trocar o nome, tinha muita confusão?

As pessoas no início, quando eu comecei a trocar de roupa né, tinha dificuldade de me chamar de Luna, mas depois todo mundo se acostumou e bem antes mesmo de eu trocar meu nome, todo mundo me chamava de Luna já.

E essa coisa de médico de... Aqueles cantos que você tem que apresentar o documento.

Pois é, eu tinha que ir lá, e pedir: "olha eu quero que me chamem desse nome". Até na escola mesmo eu tinha que levantar, ir lá e aí colocava do lado do meu nome, parêntese né, Luna, pra poder quando chegar na minha vez, chamar meu nome de Luna, porque lá na chamada, tinha meu nome antigo, masculino e eu ficava toda me tremendo, esperando já chamarem meu nome de homem e as pessoas começarem a rir. Os meninos eram uó, começavam a ir, começavam a frescar.

Mas isso era mais por causa das outras pessoas ou tu não gostava do teu nome?

Os dois, porque eu não gostava, não me sentia bem e os meninos começavam a ir, faziam palhaçada.

E depois que tu mudou de nome, que tu ta mais feminina depois de tanta plástica, mudou alguma coisa, a recepção das pessoas ?

	<p>Sim, mudou, as pessoas já me veem diferente, me tratam diferente. Antigamente, ave maria, as pessoas me viam, riam de mim, faziam chacota, já fui chamada de gazela, nunca vou me esquecer disso.</p> <p>Mas é assim, toda trans em início de transição passa por isso, as pessoas riem, fazem chacota, fazem piada besta, é tratada no modo masculino. Depois que a pessoa muda, a aparência, as condições de vida, as pessoas tratam diferente.</p> <p>Depois que tem uma certa aparência feminina né?</p> <p>Sim, as pessoas lhe tratam diferente. Todas as trans passam por isso todas, a não ser que a pessoa não saia de casa, viva dentro de casa até mudar tudo, mas se for fazer alguma coisa, andar na rua, passa por isso</p> <p>Eu acho que tem graus diferentes de dificuldade, eu acho que se a tua família não fosse a favor, ia ser muito pior</p> <p>Mas ainda bem que eu tive o apoio total da minha família, minhas irmãs sempre me ajudaram, sempre me deram as coisas e foi muito tranquilo pra mim, super tranquilo.</p>
<p>bloco 03 Agora quero falar um pouco sobre os padrões de gênero, como você os enxerga e si enxerga</p>	
<p>questão 10</p>	<p>Como você prefere ser vista(o), a partir de uma perspectiva binária do que é feminina e masculina ou mais alternativa?(Se mais alternativa, qual estética?)</p> <p>Eu gosto quando as pessoas olham pra mim e me tratam no feminino, como se fosse uma mulher cis, não de outro gênero, que eu não me sinto confortável, ave maria, fico muito desconfortável.</p> <p>E no masculino ou algo outro tipo, não-binário, travesti?</p>

	<p>Não gosto, tem gente que não tem problema com isso, eu já tenho, não gosto, de me chamar de travesti, eu não gosto, eu gosto de ser tratada como uma trans; A trans, A Luna, Ela, entendeu? Eu fico meio que ofendida se me chamarem de o travesti, a travesti, eu não gosto, não me sinto bem.</p> <p>Sim. Até agora, eu entrevistei 2 não- binários, qual tua visão sobre o pessoal que se identifica como não binário?</p> <p>Como assim?</p> <p>Porque tem aquele pessoal, que não se identifica ne como mulher, nem como homem, às vezes se identifica como nenhum, as vezes como os dois, às vezes tem dia que tá mais pro masculino, ta mais pro feminino</p> <p>Cabeça confusa né?</p> <p>Não necessariamente, tem gente que só olha assim: “eu não sou nenhum dos dois, eu sou eu, vou me vestir do jeito que eu quiser”</p> <p>Eu não entendo muito dessa parte</p> <p>Tá, só pra saber mesmo, pra comparar melhor depois</p>
questão 11	<p>Quais cores e formas você acha que melhor traduz o gênero feminino e o gênero masculino - na perspectiva do senso comum (binária) ?</p> <p>Assim, cores, eu sou assim, eu gosto muito do rosa, mas assim, se eu gostar de um azul, de um preto, eu não tenho problema com isso, entendeu? Tipo, aí o azul é menino, entendeu? Tem pessoas que põem muito isso na cabeça, “ai não, não quero a cor azul porque é masculina, é de menino”, eu não já não tenho problema com isso, se eu gostar eu quero, não tenho problema.</p> <p>E roupa, objeto?</p> <p>Assim, roupa depende, não são todas as roupas, mas, eu num tenho problema nenhum de ta com um vestido, e “aí, eu vou</p>

	<p>ali”, e pegar uma cueca do meu amigo e vestir pra ir ali, num tenho problema com isso também.</p> <p>Porque tem gente que é muito... Aham, é muito certinho, é, eu sou mulher eu tenho que vestir só calcinha, só vestido, só coisa de mulher, eu não tenho problema com isso não, se eu quiser dormir de cueca, há vou dormir de cueca, se euq usier ir ali de cueca, vou ali de cueca.</p> <p>Mas o que tu acha disso, não do que tu gosta e do que tu não gosta, mas desse pessoal que fica: “não feminino é isso, masculino é isso, a gente não passa dessa linha”. De se vestir, de cor, de comportamento essas coisas sabe.</p> <p>Porque assim, tem um esteriótipo de feminino, que você tem que se comportar de tal jeito, se vestir de tal jeito e se passar disso, meu Deus do céu, e a mesma coisa do masculino, tem gente que é muito assim.</p> <p>Mesmo tu se identificando como mulher, acha isso paranóia demais ou tu concorda?</p> <p>Eu acho assim, que cada um tem que ser do jeito que quer, e sentir bem, se você nasceu mulher cis e tem vontade de vestir uma coisa de homem, se você se sente bem, se vocês não tem problema com isso, eu acho isso super de boa, não tenho problema com isso, Da mesma forma eu. Porque tem pessoas que se privam muito, “ai o que fulano vai pensar e falar?”, entendeu? Não vive a própria vida</p>
questão 12	<p>Como (gênero tal) com quais cores e formas vc se identifica?</p> <p><i>Indiretamente respondida na questão anterior</i></p>
questão 13	<p>Quais objetos e alterações no seu corpo mais ajudaram a te tornar quem você queria ser?</p> <p>A troca de roupas, foi o principal. Quando eu troquei minhas roupas, ave maria, me senti tão bem, coloquei meu primeiro</p>

megahair, que foi o cabelo, o cabelão, foi incrível, foi uma mudança assim, radical, da cara pro vinho

E as cirurgias ajudaram como?

Bastante, porque, querendo ou não... Querendo mesmo, troca toda a sua aparência, porque uma prótese nos seios, você vê ombro, tudo aqui feminino, não vê aquela coisa batida, masculina. Foi incrível, todas as minhas cirurgias, não me arrependo de nenhuma, me sinto muito bem com todas elas, muito feminina

Antes das cirurgias tu tinha muito problema com o corpo?

Tinha, muito problema e o que eu vi mais mudança mesmo, foi minha prótese, que eu me senti bem mulher mesmo, minha primeira cirurgia.

[agradeci pela entrevista e antes de encerrar perguntei se ela queria dizer algo mais]

Sou muito feliz do jeito que eu sou, amo minhas cirurgias e não me arrependo de nada do que eu fiz, super me identifico e se fosse pra mim voltar atrás, eu não voltava, porque eu sou muito feliz como eu sou hoje em dia

Se tu continuasse como antes tu... Não, era infeliz, muito infeliz, porque eu me sinto mulher, pretendo fazer a mudança de sexo, a cirurgia, só o que falta mesmo é isso.

(Pode me enviar uma ou algumas imagens que você sente que responde essa pergunta?) Kylie Jenner, ela toda, não é a toa que eu passo o dia olhando o instagram dela.

finalização

para indicar a finalização da entrevista, pergunte ao entrevistado se ele gostaria de acrescentar mais alguma informação que julgue importante. Então, agradeça e encerre a gravação.

Imagens Luna:³⁴

1



2



³⁴ **1-** *Kylie Jenner de óculos escuros* (@kyliejenner), disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Cel-WLsJaJR/>>; **2-** *Kylie Jenner de maiô skims*, (@kyliejenner) disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CeWlvdqr1Or/>>

Entrevistas 4

Introdução	
<p>Olá, meu nome é Letícia, eu estou fazendo essa entrevista para o meu TCC, do curso de Design da UFC.</p> <p>Me incomoda como a sociedade perpetua os estereótipos de gênero, o design, como profissão que comunica, muitas vezes reproduz esses estereótipos, a gente é ensinado a fazer os projetos de um jeito e reproduz no automático. Estou pesquisando como questionar, quebrar isso através da linguagem visual(formas, cores).</p> <p>Quero conversar com você para saber mais da sua vivência e percepção de mundo. Não se trata de um teste, será uma conversa, então pode ficar à vontade e responder com calma e com detalhes. Não há respostas certas ou erradas, queremos entender sua vivência como pessoa trans.</p> <p>Eu gostaria de gravar nossa conversa porque ainda que faça anotações, as gravações auxiliam depois. Você nos permite realizar a gravação desta entrevista? Só quem terá acesso a elas serão eu e minha orientadora, Claudia Marinho, caso a entrevista vá para os anexos do TCC, usarei nomes falsos ao invés dos seus verdadeiros.</p> <p>Também, como após a conversa podemos ter dúvidas sobre detalhes do que conversamos, posso pedir mais explicações depois.</p> <p>Alguma dúvida sobre algo? Podemos começar?</p>	
Aquecimento [perguntas fechadas]	
questão 01	<p>Como se chama?</p> <p>Pedro</p>
questão 02	<p>Qual seu gênero e qual pronome prefere ser tratado?</p> <p>Me identifico como um homem trans e do gênero masculino.</p>
questão 03	<p>Qual sua idade?</p> <p>36 anos.</p>
questão 04	<p>Onde mora?</p>

	Porto Alegre - RS. Nasci e cresci aqui, nunca morei em outro lugar.
questão 05	<p>Qual sua ocupação atual?</p> <p>Professor de Inglês. Estou ministrando aulas particulares desde a pandemia, só online.</p>
<p>bloco 01</p> <p>"Agora vamos falar um pouco sobre como foi crescer e se sentir diferente do gênero que te deram e um pouco sobre a transição de gênero "</p>	
questão 06	<p>Você sempre se viu como [gênero que se identifica agora] ou isso só apareceu mais tarde?</p> <p>No meu caso, foi mais já na idade adulta. Nós não tínhamos - pelo menos eu, no círculo que eu andava - o conhecimento de questões transgêneras, então nem sabia que isso existia. Mas eu me sentia sempre uma criança diferente das outras, que no caso tinha do gênero feminino. Só que apenas quando eu tinha por volta de 23 anos, eu acho, 23 ou 24, eu tinha um relacionamento com uma pessoa que é psicóloga e ela passou a conhecer identidade de gênero e algumas questões, e eu fui me informando um pouco mais. Então eu diria que somente na vida adulta que eu fui começar a entender que eu era um homem trans.</p> <p>E como foi essa realização para você?</p> <p>Primeiramente, eu diria que foi - assim, até poucos meses atrás, cerca de um ano, mais ou menos - eu tentei... era muito difícil essa questão em relação a família. Eu entendi quem eu era, mas as pessoas da família ficavam naquela coisa assim "Nossa, mas nunca pareceu isso", diziam "Mas você tinha roupas femininas", então ficava uma batalha interna de "Eu quero ser o Pedro, como eu me sinto", e ao mesmo tempo aquele medo da família rejeitar.</p> <p>Eu diria que foi uma realização mesmo agora há pouco tempo, quando eu consegui retificar os documentos - isso tem um ano e pouquinho - e foi como se aquela oficialização civil tivesse</p>

	<p>me dado mais esse empoderamento, para socialmente me colocar como Pedro, como homem perante a sociedade.</p>
questão 07	<p>Quando iniciou a transição de gênero?</p> <p>Foi depois. Com 20 e poucos, a única coisa que eu fiz foi um corte de cabelo um pouco mais curto, mas isso não tem nada a ver, não significa ser homem. Mas, pra mim, foi um grande alívio a questão do cabelo, porque eu usava bem comprido, tinha o cabelo no meio das costas, por boa parte da vida, desde os 16 anos até os 20 e poucos.</p> <p>Pouca coisa na mudança de roupas, e agora no meu atual relacionamento, que tem quatro anos, aí sim eu comecei a ir a lojas nos setores masculinos para comprar essas roupas socialmente lidas como “de homem”. Faz pouco tempo.</p> <p>Então no começo foi algo tipo “vou me vestir mais como um <i>tomboy</i>, para ficar mais à vontade sem levantar suspeita” e agora está mais à vontade para ser um homem mesmo?</p> <p>Exatamente. E tem uma questão das cores. Por exemplo, a cor rosa é uma cor que eu gosto muito desde sempre, e não deixei de gostar. Eu faço hormonização há dois anos, então meu corpo e meu rosto ainda não estão como eu quero que eles fiquem, então no momento, para não ser confundido, talvez, com uma mulher gay, eu não tenho usado roupas cor-de-rosa. Mas eu disse pra mim “vou usar rosa.” Vou fazer musculação, quando ficar barbudo, vou voltar a usar camisa rosa.</p> <p>Então as vestimentas eu procuro usar cores azul-marinho, marrom, preto, e não tanto rosa, amarelo, laranja, por exemplo. Sobre a questão das roupas é isso, mais “<i>boy</i>”, como você falou, mas ainda com cuidado com algumas cores.</p> <p>Eu diria que te olhando pela chamada, só do ombro para cima, não te confundiria.</p>

Eu tive muita sorte, porque minha voz mudou super rápido, nos primeiros três meses do hormônio ela foi ficando mais grave, e isso também dá uma tranquilidade. E isso foi no meio da pandemia, você está de máscara, aí quando você abre a boca a outra pessoa “Ah, é um cara”. Daí as pessoas diziam “Moço, próximo”, essas coisas. Então eu já fiquei bastante contente com isso.

Você falou da questão do ombro para cima, né, e pra mim a questão do peito, do busto, ainda tem muito volume, mais do que eu gostaria. É claro que é bem menos que de outras pessoas, outros homens trans que eu conheço que têm mais dificuldade para esconder - aqueles que não se identificam com o volume - mas a gente vai lidando, né. Agora está chegando o calor aqui e fica um pouco mais exposto, então tem que tomar algumas providências. Tem um colete que a gente usa, que chama *binder*, que é um elástico bem firme, e aí eu uso esse recurso.

questão 08

O que mudou depois do início da transição, dentro de você e nas sua relação com a sociedade?

Bom, vou separar os outros em familiares, amigos e estranhos.

Quanto aos amigos, todas as pessoas, amigos e amigas, não tive problemas com ninguém. Uma ou outra pessoa disse “ah, vou demorar para me acostumar”, mas não teve ninguém que recusou esse esforço de começar a me chamar pelo nome Pedro. Primeiramente, isso já dá um super alívio porque a gente já se sente acolhido, se sente respeitado pelas pessoas que considera, e as pessoas também terem esse zelo de te chamar pelo seu nome.

Então em relação às amizades foi tudo bem, já foi formando uma base de aliados, vamos dizer assim.

Quanto à família, já foi uma parte um pouco mais chata. O lado da minha mãe tem pessoas que ficaram assim “ah, mas eu não consigo! Te conheci como fulana, não consigo!” Então todos que eu pude, fui me afastando, porque eu não tenho paciência de explicar pra eles, para fazer essa doutrina. Eu conversei uma vez, tem as redes sociais que eu troquei o nome, então se você quer aceitar, tudo bem, se não quer eu não perco nada, e fui me afastando.

Não deixei de falar com ninguém, não briguei com essas pessoas, mas é algo que já não tinha mais aquele carinho. Se tem um jantar ou um almoço na casa de algum desses parentes eu já não vou, parei de estar presente nesse sentido.

Isso não foi muito legal, mas foi uma maneira que eu encontrei de me proteger, de não ter que estar num ambiente em que as pessoas usem meu nome antigo ou palavras no gênero feminino, que eu não me identifico.

Quanto aos conhecidos, dependendo do ambiente em que estou, eu mesmo fico um pouco desconfortável pensando “será que eles estão olhando e tentando entender se isso é um homem ou uma mulher?” Às vezes a pessoa só está olhando “nossa, que blusão feio, que cabelo bonito ou feio.” A pessoa

está pensando em outra coisa, mas é a questão da sua própria autoimagem.

Então dependendo do lugar que eu vou, em vez de andar com uma postura de peito aberto, eu coloco os ombros um pouco pra frente, para tentar esconder volume.

É algo chato mas, para mim, nada desesperador.

Inclusive a relação com médicos, para mim, é super leve - de ter que chegar e dizer “então, eu sou um homem trans”. Determinados exames, como ecografia de ovário e essas coisas, eu conheço homens trans que se recusam a ir num ginecologista, eles têm uma espécie de fobia, uma coisa desesperadora.

Então nesse ponto, para mim, é super tranquilo, uso essas palavras. Inclusive quarta-feira mesmo eu tive consulta médica.

Então, são essas três instâncias que eu diria que eu acabo prestando uma certa atenção - família, amigos e conhecidos - e pra mim foi a partir do momento que eu pude usar as roupas que eu me sinto mais à vontade e o ano passado com a retificação dos documentos, isso foi um grande alívio, uma baita vitória.

Tu começou a usar as roupas junto com a hormonização ou...?

Não, foi separado. As roupas foi ali em torno de 2017-18, e a hormonização foi no meio de 2020, através do SUS, inclusive.

Tem uma iniciativa, não sei se é assim, que chama Ambulatório Trans, aqui na capital - agora acho que já são dois ou três Ambulatórios Trans - que funcionam dentro de uma UBS focados só para atender pessoas trans, travestis e não binário. Então ali nós temos consulta médica, tem psicólogo, psiquiatra também, fonoaudiólogo eu acho... Tem uma série de profissionais. As consultas demoram, é claro, consegue em torno de duas, três por ano, porque é muita gente né, e agora é que tem o hormônio pelo SUS, porque até então a gente

	<p>recebia a receita e tinha que comprar o hormônio em farmácias. Agora tem já o hormônio que a gente pode conseguir, mas, como eu disse, demora um pouco para conseguir o agendamento da consulta.</p> <p>E quanto tu faz o retorno, é sempre com o mesmo médico ou varia?</p> <p>No meu caso, não sei para as outras pessoas como está o quadro da equipe, mas eu tive consulta sempre com as mesmas duas médicas. Uma eu acho que é a chefe da equipe e a outra eu acho que é a principal, não sei bem dizer.</p> <p>No meu caso sim, foi sempre com duas pessoas. Ah, hm... teve até uma situação que tinha residentes, uma duplinha com ela. Não dá pra dizer que foi sempre a mesma, varia um pouquinho. Mas acho que eles mantêm a mesma equipe.</p>
<p>questão 09</p>	<p>Quais obstáculos você teve que enfrentar por ser trans?</p> <p>Na parte burocrática... eu tenho renda, trabalho, então eu paguei pelas certidões, mas tem pessoas que já encontram esse primeiro obstáculo que é conseguir um encaminhamento pela defensoria pública, para poder retificar os documentos.</p> <p>Aqui na minha cidade, a certidão de nascimento, a segunda via, tá em torno de R\$ 44,00. E aí como eu já tenho um divórcio, eu tive que tirar também uma segunda via da averbação do divórcio, também mais R\$ 44,00. E depois, a de retificação mesmo, ela foi uns oitenta e poucos reais. Eu tinha me organizado para isso, guardei essa grana, inclusive para o deslocamento - cartório, uber, ônibus - então para mim não foi um obstáculo, mas isso foi... chato. Porque eu pensei "oitenta e poucos reais para eu poder ser eu". Aí depois tem que ir lá fazer a carteira de identidade, mais oitenta e poucos reais.</p> <p>Os documentos todos...</p>

	<p>É, aí tiveram esses custos. Os outros acho que nem tanto... o título foi só no site, o negócio da CPTS também. E acho que o CPF, que é Receita Federal, não teve custo. Então um certo obstáculo é a questão valores.</p> <p>Pra mim, hoje em dia, o que eu ainda sinto obstáculo é aquilo que eu tava falando, a questão do corpo, mas não é algo que me restrinja acessar os locais, é só um desconforto mesmo. Né, como eu falei, dependendo da vestimenta eu acho que pode estar marcando mais ou menos o corpo.</p> <p>Outras questões... daí seria mais a nível de... uma sensação de segurança, tá. Dependendo do local onde eu for, eu tenho receio de entrar no banheiro masculino. Então, dependendo do local, eu penso em não ingerir muito líquido para não ter que usar o banheiro.</p> <p>Nunca sofri agressão física por ser trans, tá, mas aqui a região é homofóbica, é transfóbica, então estabelecimentos como shoppings, eu sei que tenho que cuidar, pegar um banheiro que não tenha tanta circulação de pessoas como saída de restaurante, saída de cinema, por medo. Medo, assim, de olhar e acontecer algum tipo de violência.</p> <p>Então eu considero um obstáculo a questão banheiro, dependendo do ambiente, dependendo da cidade.</p> <p>O que mais... ah, eu acho que às vezes em reuniões de família, também. Que nem eu falei, de não interagir muito com determinadas pessoas, eu acho que isso é uma forma de se privar de um convívio, que comigo ainda acontece. Eu acabo fazendo essa restrição.</p>
<p>bloco 03 Agora quero falar um pouco sobre os padrões de gênero, como você os enxerga e si enxerga</p>	
questão 10	<p>Você prefere ser visto numa perspectiva masculina.</p> <p>Isso.</p>

	<p>Mas tu já tem uma estética que tu se sente mais à vontade, estilo de roupa, objetos de uso...?</p> <p>Sim, ah, claro. Sim, eu tenho, assim... parte das minhas roupas são o que eu pude pagar, e outras são como eu realmente gostaria né. Eu gosto muito de roupa social. Atualmente, uma boa camisa social, aqui na minha cidade, ela é cento e cinquenta... cento e oitenta reais. Então eu fui lá e comprei a de R\$ 75, tá. Porque daí ela vai durar menos de um ano, mas era a que eu podia pagar no momento. Você lava e ela vai perdendo a cor, esse tipo de coisa.</p> <p>Então, sim, tem um estilo que eu quero ainda alcançar para certa vestimenta.</p> <p>Na questão acessórios que você falou também, né. Eu poderia usar mais, mas acabo dando prioridade para outras coisas.</p> <p>Tenho relógio, uma pulseira, uma corrente, mas eu... ah, uma outra coisa, assim, quando eu estiver barbudinho, quando estiver com o maxilar mais largo e mais barba, eu pretendo usar brinco de um lado ou de outro, ou dos dois, eu acho bacana.</p> <p>E também a questão é cabelo. Eu tenho usado sempre baixinho, agora tá um pouco maior em cima, e eu gosto de usar raspado do lado. Mas penso em fazer, em cima, dread ou tranças, mas também depois que estiver com o rosto mais masculino e com barba, para não ser socialmente confundido, talvez, com uma outra identidade que não seja a minha.</p>
questão 11	<p>Quais cores e formas você acha que melhor traduz o gênero feminino e o gênero masculino - na perspectiva do senso comum (binária) ?</p> <p>Eu não tenho uma, como vou dizer... Eu fui criado numa época em que sempre se atribuía separadamente assim, né. Primeiro que só se entendia de ter dois gêneros, masculino e feminino, e que cores como rosa, tons de rosa e lilás, vermelho, seja para menina, para mulher, e menino tem que usar azul escuro, verde escuro, marrom. Então embora isso fique ainda em</p>

	<p>alguma parte do cérebro, de que é dessa forma, eu não concordo.</p> <p>Mas, por visão da sociedade, não sei como dizer... a sensação é que é assim ainda, mas eu acho errado, sabe. Ah, rosa é uma coisa feminina.</p> <p>Inclusive, essa aqui é a minha agenda deste ano <mostra agenda com capa rosa>. O ano passado eu usava preta. Eu falei “quer saber de uma coisa? eu vou comprar rosa!”. Então eu não sei se as pessoas olham e pensam “eu acho que o Pedro é gay, porque tá com rosa”, eu não sei. Por atribuir, né, que seja uma coisa de mulher ou de gay, que é o rosa, lilás.</p> <p>Então eu acho que não sei te responder assim, isso na questão de cores, para uso de site, de plataforma.</p> <p>É para o geral mesmo. Eu vou fazer um livro, então essas perguntas são para eu conseguir analisar esses padrões que a gente absorveu do entorno e o que é percepção individual.</p>
questão 12	<p>Como (gênero tal) com quais cores e formas você se identifica?</p> <p>Pois é, hm. Em relação às formas, eu nunca pensei sobre isso. Eu só associaria alguma coisa assim do corpo.</p> <p>Podem ser corpos, objetos, tudo são formas.</p> <p>Formas... vamos dizer assim, que fossem um pouco mais arredondadas, mais femininas, mais delicadas. E outras mais retangulares, mais masculinas.</p> <p>Mas também acho que é uma comparação leviana.</p> <p>Se ficar mais fácil, pode falar de corpo, de objetos. Se você for parar para olhar pra sua agenda, é um retângulo, mas é um objeto. Pode falar do objeto, de corpos, que fica mais fácil.</p>

Eu diria isso, mais arredondado feminino, que eu acho mais delicado, e mais retangular masculino. Mas digo isso porque é o que automaticamente, ao olhar, é o que entra. É uma compreensão mas eu não concordo, quero quebrar essas ideias.

Então explica o que você quer quebrar.

Pois é, assim, na questão das cores, adoro e aplaudo quando vejo homens com cores como rosa, como lilás. Um dos meus irmãos tem um boné rosa, fantástico esse menino, é um homem cis e hetero até onde eu sei, e ele não tem uma vergonha de usar esse chapéu rosa. Os amigos da mesma idade, 22 anos, que poderiam falar coisas bestas... então eu acho legal quebrar esse paradigma.

Mas também o azul. O azul escuro é uma cor tida como masculina e a minha mãe, que é feminina, uma mulher hetero e cis, ela sempre preferiu o azul, ela não gosta do rosa. Então vestidos azuis, uma camisa larga, vestido, saia, blusa, brincos... azul. Aí o azul então ele não é feminino? Mas é uma pessoa que se identifica como mulher e está usando.

Então eu gosto dessa quebra do que se tinha até então como coisas masculinas e femininas.

E tuas cores preferidas?

Bom, as minhas são rosa nesse tom mais gritante. Choque? Eu gosto de preto. Gosto também de azul royal. Eu gosto do laranja, mas não para roupas. Gosto de olhar objetos laranja, uma estampa laranja, gosto também. Gosto de branco também, para roupas, uso bastante... gosto de paredes brancas. Acho que seriam essas as minhas preferidas, nessa ordem mesmo, talvez.

E roupas? Porque tem pessoas... não estou nem chegando na questão trans, mas quando uma mulher usa roupa masculina "ah, que estranho", e quando aparece um homem de saia começam a aplaudir, capa da Vogue. E tem gente que

realmente usa a roupa que quiser, eu me identifico como um gênero tal mas vou usar a roupa que eu quiser.

Imagine que você está no seu corpo ideal, você teria esse problema com as roupas ou não?

Se eu estiver, ou quando eu estiver - se eu largar a preguiça e for para a academia - e estiver no corpo ideal, eu certamente usaria, e usarei, rosa. Principalmente nas peças de cima, camisas ou camisetas. Cores: rosa. O branco eu seguiria usando, eu gosto de branco na roupa, na parte de cima também, camisas e camisetas, casaquinhos. Preto... azul marinho. E outras, assim, tanto faz. Mas geralmente para calças ou bermudas, peças da parte de baixo, eu prefiro tons mais escuros ou jeans - jeans azul, jeans preto.

Minha esposa gosta que eu use tons marrons, assim, calças. Mas eu não gosto muito. Mas aí já não sei futuramente se usaria. Eu tive peças, bermudas, nessa cor, é tipo um marrom mais claro, um bege. Achei até que ficou bem em mim, mas não é algo que eu olhe e fale assim “nossa, uau, que legal, que bonito em mim”.

Acho que são essas cores aí, o rosa, preto, branco, azul marinho.

Estou curiosa agora, qual seria teu corpo ideal?

Ah, tá. Você já viu o filme “Pantera Negra”? Lembra o cara que era o primo, revoltadão?

Que fez um desafio pelo trono?

Não me lembro...

Qual o nome dele, Jordan...?

Michael B. Jordan. É um ator americano. Foi a pessoa que me veio na mente, certamente tem um brasileiro assim.

Já vi aqui. Então seria esse?

	<p>Essa pessoa aí, numa versão com o ombro bem musculoso, nada assim muito Arnold Schwarzenegger. Assim, num bom porte, alto no ombro, braços e biceps. Ele tem uma cintura que afina um pouco, né, não é uma cintura totalmente reta. É o que eu acho que seria o meu caso, meu tipo, porque no meu caso eu não fiquei com o quadril totalmente reto. Então eu não sei depois de malhar, se mudaria isso.</p> <p>Então é mais ou menos o corpo dessa pessoa aí. Inclusive no filme do “Pantera Negra” ele está com dreads, muito legal.</p>
<p>questão 13</p>	<p>Quais objetos e alterações no seu corpo mais ajudaram a te tornar quem você queria ser? (Pode me enviar uma ou algumas imagens que você sente que responde essa pergunta?)</p> <p>Acho que a primeira delas... não, não que seja a primeira, mas a que está mais contribuindo para eu me sentir eu mesmo, e que ainda está em andamento, é a questão do hormônio em si. Ele é uma ampola líquida, injetável, esse o que eu uso. Sei que existem outros. Tem aplicação em farmácia, com farmacêutico.</p> <p>Então a hormonização, porque ele fez efeito rápido, teve a alteração na voz. Pouco a pouco está saindo barba, o que eu quero muito. Até estou usando aquele produto que a Cléo Pires fala, que eles recomendam para crescimento de pêlo.</p> <p>Esse colete para comprimir o peito, que eu não tinha e adquirir acho que em 2020. Mais ou menos junto com a época do hormônio.</p> <p>É basicamente isso aí, porque as outras peças de roupa eu acho que elas ajudam mas não é a coisa mais fundamental. Porque tem muito hetero cis que usa calça jeans, usa roupa justinha, aqueles modelos saruel, então acho que não é tanto a roupa, pra mim, que faça a diferença.</p> <p>Acho que os principais são o hormônio, o colete, que me ajudaram a conseguir... caminhando para isso.</p>

Agora é um pedido. Você pode me enviar, quando tiver tempo, algumas imagens que você sente que respondem a essa pergunta, sobre as alterações que ajudaram. Imagens que representem quem tu é e quem tu quer ser, que nem o Michael B. Jordan que tu me mostrou.

Tá, imagens que representam... e isso incluiria não só pessoas, mas também estampas, objetos...?

O que vier na sua cabeça. Tem um mural que colocaram uma peça de arte dadaísta, então o que vier na sua cabeça.

Tá.

E eram essas as perguntas.

Ah, acho que tinha uma outra coisa que eu esqueci de mencionar... quando eu estou com pessoas com quem eu tenho plena confiança, eu... não sei como fala, mas é algo assim: uma coisa é como a pessoa se identifica, e outra é como ela se manifesta socialmente. Algo assim.

Expressão? Expressão de gênero?

É... pode ser. É mais ou menos assim.

Eu me identifico como um cara hetero. Um cara trans hetero. Mas eu tenho coisas, maneiras de brincar, de agir, até mesmo de gesticular, que eu digo “ah, é porque sou bicha”. Mas eu não sou gay. Então eu não sei o nome dessa diferenciação.

Então minha esposa e eu a gente brinca muito assim, de fazer caretas, tipo drag queen “muito loka”, e eu gosto de brincar assim. Eu me sinto bem.

Inclusive se uma outra pessoa vê e fala “ai, então tu é gay” e eu “sou!”, eu não tenho problemas em ser confundido talvez com um cara gay. E isso, antes da minha transição, eu não gostava muito de manifestar, gestos assim mais delicados.

E agora eu, assim, sei que eu sou um homem, um homem trans, então eu posso brincar entre o estereótipo gay, o estereótipo hetero, e tá tudo bem. Mas, de novo, é só com quem eu tenha bastante proximidade ou com amigos gays, pessoas que andam dentro desse mundo.

Para entender a brincadeira também, né?

Tipo, eu prefiro ver um vídeo lá das Divas Depressão do que do cara falando de mecânica, eu não gosto de futebol, sabe. Não suporto, não suporto. Não gostava de jogar, de ficar ouvindo comentário nos rádios.. Sabe.

Então, assim, esses mundos aí que eu passeio.

Então, pelo que eu entendi, essa é a segurança que a hormonização te deu?

É.

E quanto mais seguro tu se sente que não vão te confundir mais, mais seguro tu sente para se expressar melhor, sem ficar se segurando?

Isso, exatamente. Inclusive, uma outra coisa que eu acho que não tinha tanta... tanta força antes, de manifestar posicionamentos feministas. E hoje, uma pessoa fala um machismo na minha frente e eu já não admito, tá.

Então não sei exatamente o porquê dessa mudança, são coisas que eu sempre senti. Por exemplo, “ah, mulher não pode usar saia curta porque é coisa de vagabunda”. Isso aí, na minha geração, é o que sempre se falava. Ainda tem pessoas, na família, que ainda falam.

Inclusive uma das minhas primas, ela tem uns 20, 21 anos, e a pinta só usa saia curta. Eu fico imaginando o que passa na cabeça das tias “véias” quando elas veem aquela guria com uma saia curta. E eu tô aqui, é isso aí, é isso aí.

E nós, de 30 ou 40 anos, não botava uma saia curta porque a tia de não sei quem vai falar que é vagabunda. E essa geração nova tá tipo “eu quero usar minha saia curta, não interessa o que você pensa”. E em momentos que antes eu ficaria, assim... hoje eu vou lá e defendo. Falo “e o que é que tem”, “ah, mas tem isso..”, e eu “o que tem a ver, tu paga as contas dela”

Eu já vou pra cima, sabe, não fico mais quieto se a pessoa faz manifestação machistas. Se for dentro da minha casa, então, pior ainda, não dá.

Surgiu uma pergunta agora... tu sentiu que mudou o tratamento quando te percebiam como mulher e como te percebem agora como homem?

É uma pergunta muito boa.

Ahm... de pessoas estranhas. A maneira de abordar um assunto qualquer, é “ei, cara”. Ao puxar um assunto, às vezes eu vejo que estou com pessoas e ela puxa um assunto.

E, claro, não existe mais aquela situação de estar na rua e a pessoa virar para me checar.

Então, isso, na maneira como me veem, eu acho que é isso que eu consigo te colocar.

Mais do que isso vai ser conforme eu esteja mais dentro de determinados universos, como com a questão da passabilidade cis, da pessoa olhar e achar que eu sou um cara cis.

Tem núcleos em que eu não me inseri porque eu acho que não vai dar certo, eu vou estar lá e vão ver que eu sou um infiltrado e vão querer me bater. Tipo grupinho de macho pra futebol.

Quando eu vou cortar cabelo no barbeiro, eu cuido, tento marcar de manhã cedo para não ter aglomeração de homem, com aqueles papinhos, aquelas bagacerinhas.

Se eu não estou num grupo de amigos no local, no estabelecimento, que eu conheça as pessoas, eu tendo a ficar mais retraído.

Até sentir o ambiente, né?

Isso! Então é mais nessas situações que eu percebi.

Ah! Tem uma questão, né, que pega também mais pelo lado do racismo estrutural. Dependendo do lugar onde eu entro, eu noto segurança me seguindo dentro da farmácia. Isso não acontecia antes, quando eu era menina.

Se eu estiver de moletom e boné, então, pior ainda.

Aquela coisa do homem violento, né?

É, de forma: aquilo ali é ladrãozinho, guiri neguinho. De boné, com tênis velho. Dependendo dos locais aonde eu vou, eu cuido da vestimenta, aqui na minha cidade pelo menos.

Antes não tinha. Quando eu era menina, com cabelão, maquiagem, não tinha segurança me seguindo no supermercado, não tinha.

E essa coisa do racismo estrutural, quando tu era menina, tu também sempre andava muito arrumada?

Veza sim, veza não.

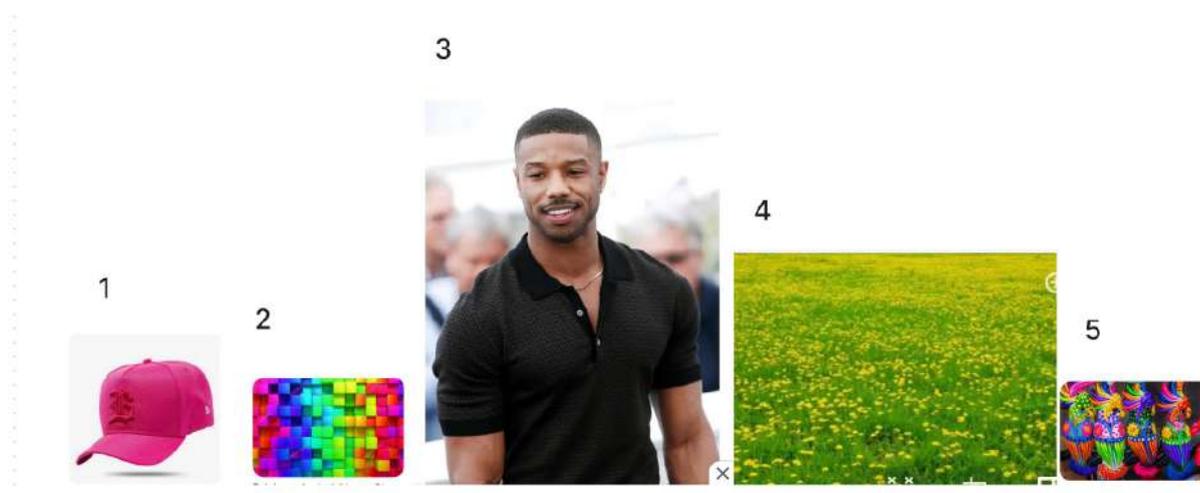
E nunca te seguiram? E agora seguem?

Que eu tenha percebido, não. Agora, às vezes, é meio na cara mesmo.

Eu não me importo com isso, assim. Eu sei que ainda é algo que o brasileiro faz. Falo brasileiro porque não morei em outro lugar. Então não sou eu indo falar com aquela pessoa que vai mudar. Talvez o que muda é ele ver que eu comprei produto caro e não era ladrão.

	Antigamente isso não teria acontecido.
<p>finalização</p> <p>para indicar a finalização da entrevista, pergunte ao entrevistado se ele gostaria de acrescentar mais alguma informação que julgue importante. Então, agradeça e encerre a gravação.</p>	

Imagens Pedro:³⁵



³⁵ **1** -Boné BLCK Snapback Paint Rosa Pink, disponível em:<<https://www.texascenter.com.br/www-texascenter-com-br/bone/adulto/bone-snapback-paint-rosa-pink>>; **2**- Tapete Decorativo 3D Colors Único, disponível em:<<https://www.wevans.com.br/tapete-decorativo-3d-colors-unico>>; **3**- Ator Michael B. Jordan; disponível em:<<https://www.gettyimages.com.br/fotos/michael-b.-jordan-actor>>; **4**- Grama-verde-primavera, disponível em:<<https://www.istockphoto.com/br/foto/grama-verde-primavera-textura-com-flores-no-prado-gm941720096-257381428>>; **5**-Papagaios cerâmicos coloridos Oaxaca México, disponível em:<<https://pt.dreamstime.com/papagaios-cer%C3%A2micos-coloridos-oaxaca-m%C3%A9xico-image138038533>>